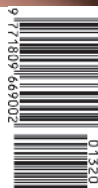
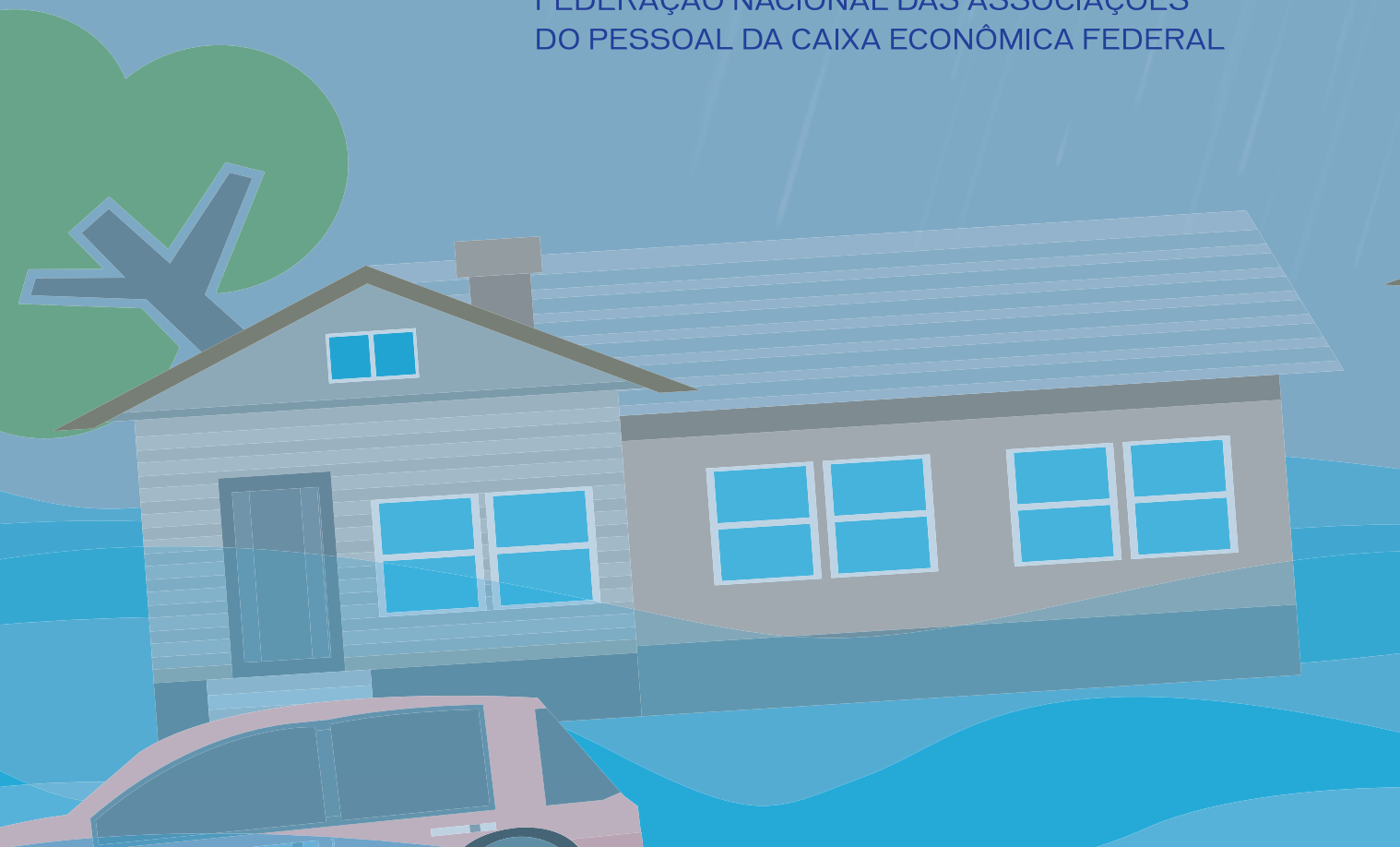
EUA OS ESTRATEGISTAS DAS CAMPANHAS AINDA TENTAM MEDIR O IMPACTO ELEITORAL DO ATENTADO CONTRA DONALD TRUMP. JOE BIDEN LUTA POR SUA CANDIDATURA

BANDIDOS DE CRISTO TRAFICANTES EVANGÉLICOS IMPÕEM O TERROR NO "COMPLEXO DE ISRAEL" E EXPULSAM QUEM NÃO PARTILHA A MESMA FÉ

INÊS 249

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

O **Rio Grande do Sul** passa
pela maior catástrofe climática
de sua história.

Doe via **PIX** pelo
CNPJ 34.267.237/0001-55
(Federação Nacional das Associações do Pessoal CEF)

Ajude as milhares de pessoas
desalojadas e desabrigadas!

CartaCapital

24 DE JULHO DE 2024 • ANO XXIX • Nº 1320

AMERICA

As pesquisas não captaram impacto significativo do ataque a tiros contra Trump na corrida presidencial. Pág. 36

Seu País

Economia

Nosso Mundo

Plural

Capa: Pilar Velloso. Foto: Evaristo Sá/AFP

BRENDAN SMIALOWSKI/AFP E RODRIGO SOMBRA

CENTRAL DE ATENDIMENTO FALE CONOSCO: HTTP://ATENDIMENTO.CARTACAPITAL.COM.BR

CartaCapital

DIRETOR DE REDAÇÃO: Mino Carta

REDATOR-CHEFE: Sergio Lirio
EDITOR-EXECUTIVO: Rodrigo Martins
CONSULTOR EDITORIAL: Luiz Gonzaga Belluzzo
EDITORES: Ana Paula Sousa e Carlos Drummond
REPÓRTER ESPECIAL: André Barrocal
REPÓRTERES: Fabíola Mendonça (Recife), Mariana Serafini e Maurício Thuswohl (Rio de Janeiro)
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: Mara Lúcia da Silva
DIRETORA DE ARTE: Pilar Velloso
CHEFES DE ARTE: Mariana Ochs (Projeto Original) e Regina Assis
DESIGN DIGITAL: Murillo Ferreira Pinto Novich
FOTOGRAFIA: Renato Luiz Ferreira (Produtor Editorial)
REVISOR: Hassan Ayoub
COLABORADORES: Afonsinho, Aldo Fornazieri, Alysson Oliveira, André Costa Lucena, Antonio Delfim Netto, Boaventura de Sousa Santos, Cássio Starling Carlos, Célia Xakriabá, Celso Amorim, Ciro Gomes, Claudio Bernabucci (Roma), Djamila Ribeiro, Drauzio Varella, Emmanuele Baldini, Esther Solano, Flávio Dino, Gabriel Galípolo, Guilherme Boulos, Hélio de Almeida, Jaques Wagner, José Sócrates, Leneide Duarte-Plon, Lídice da Mata, Lucas Neves, Luiz Roberto Mendes Gonçalves (Tradução), Manuela d'Ávila, Marcelo Freixo, Marcos Coimbra, Maria Flor, Marília Arraes, Murilo Matias, Ornilo Costa Jr., Paulo Nogueira Batista Jr., Pedro Serrano, René Ruschel, Riad Younes, Rita von Hunty, Rogério Tuma, Rui Marin Daher, Sérgio Martins, Sidarta Ribeiro, Vilma Reis, Walfrido Warde e Wendal Lima do Carmo
ILUSTRADORES: Eduardo Baptistão, Severo e Venes Caitano

CARTA ONLINE
EDITORA-EXECUTIVA: Thais Reis Oliveira
EDITORES: Allan Ravagnani, Getulio Xavier e Leonardo Miazzo
EDITOR-ASSISTENTE: Gabriel Andrade
REPÓRTERES: Ana Luiza Rodrigues Basilio (CartaEducação) e Marina Verenicz
VÍDEO: Carlos Melo (Produtor)
ESTAGIÁRIOS: Ana Luiza Sanfilippo e Sebastião Moura
REDES SOCIAIS: Caio César
SITE: www.cartacapital.com.br

basset editora

EDITORA BASSET LTDA. Rua da Consolação, 881, 10º andar. CEP 01301-000, São Paulo, SP. Telefone PABX (11) 3474-0150

PUBLISHER: Manuela Carta
GERENTE DE TECNOLOGIA: Anderson Sene
ANALISTA DE MARKETING E PLANEJAMENTO: Italo Sasso
NOVOS PROJETOS: Demetrios Santos
ANALISTA DE ATENDIMENTO: Maria Clara M. Abdal
AGENTE DE BACK OFFICE: Verônica Melo
CONSULTOR DE LOGÍSTICA: EdiCase Gestão de Negócios
EQUIPE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA: Fabiana Lopes Santos, Fábio André da Silva Ortega, Raquel Guimarães e Rita de Cássia Silva Paiva

REPRESENTANTES REGIONAIS DE PUBLICIDADE:
RIO DE JANEIRO: Enio Santiago, (21) 2556-8898/2245-8660, enio@gestaodenegocios.com.br
BA/AL/PE/SE: Canal C Comunicação, (71) 3025-2670 – Carlos Chetto, (71) 9617-6800/ Luiz Freire, (71) 9617-6815, canalc@canalc.com.br
CE/PI/MA/RN: AG Holanda Comunicação, (85) 3224-2267, agholanda@Agholanda.com.br
MG: Marco Aurélio Maia, (31) 99983-2987, marcoaureliomaia@gmail.com
OUTROS ESTADOS: comercial@cartacapital.com.br

ASSESSORIA CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA: Firbraz Serviços Contábeis Ltda. Av. Pedroso de Moraes, 2219 – Pinheiros – SP/SP – CEP 05419-001. www.firbraz.com.br, Telefone (11) 3463-6555

CARTACAPITAL é uma publicação semanal da Editora Basset Ltda. CartaCapital não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados. As pessoas que não constarem do expediente não têm autorização para falar em nome de CartaCapital ou para retirar qualquer tipo de material se não possuírem em seu poder carta em papel timbrado assinada por qualquer pessoa que conste do expediente. Registro nº 179.584, de 23/8/94, modificado pelo registro nº 219.316, de 30/4/2002 no 1º Cartório, de acordo com a Lei de Imprensa.

IMPRESSÃO: Plural Indústria Gráfica - São Paulo - SP
DISTRIBUIÇÃO: S. Paulo Distribuição e Logística Ltda. (SPDL)
ASSINANTES: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

CENTRAL DE ATENDIMENTO

Fale Conosco: http://Atendimento.CartaCapital.com.br
De segunda a sexta, das 9 às 18 horas – exceto feriados

Edições anteriores: avulsas@cartacapital.com.br

NON Ç'EST NON

Não é a primeira vez que, na França, rivais históricos unem suas forças para evitar o pior, inclusive dispondo-se a colocar de lado, temporariamente, as suas divergências e os seus orgulhos. Infelizmente, tal exemplo não foi seguido nas terras brasileiras em 2018, quando o nosso maior partido expoente da esquerda, privado do seu líder e candidato, negou-se a unir forças com o seu tradicional rival da centro-esquerda. Aprendam com os franceses, companheiros!
Santiago Artur Wessner

SOB OS ESCOMBROS

Na França, a ultradireita avança com a cooperação do neoliberalismo, que deteriorou a renda, os empregos, e deu uma rasteira nos trabalhadores, premiando-os com uma sofrida aposentadoria. Tudo para servir ao grande capital e diante de uma esquerda com crise de identidade em suas políticas públicas, anêmica na capacidade de rechaçar de forma contundente a populista política contra os imigrantes, comparados, em uma espécie de reedição à Goebbels pela extrema-direita, a "ratos" que ameaçam os empregos e os salários dos filhos da casa.
Williams Costa Cantanhede

Esse assunto é tratado, muitas vezes, como se fosse um raio de sol em dia de céu aberto. O ressurgimento do extremismo de direita na Europa e no resto do planeta é só uma velha tática do capital. Quando ele se sente ameaçado, não hesita em recorrer a fascismos, guerras e aprofundamento de crises.
Mendell Barreto

TUDO OU NADA

É hora de o PT entender o seu papel histórico na composição de frentes, que priorizem o fortalecimento do campo progressista, e não apenas a afirmação do próprio partido. É sábio e maduro saber ceder quando possível e necessário.
Ludmila Rosa

Duda Salabert é a melhor chance de a esquerda chegar ao segundo turno. É preciso lembrar o tempo todo o que está em jogo. Responsabilidade e maturidade política são fundamentais nessa hora, Rogério Correia.
Eliana Sant'Anna

Vocês me representam. Se pudesse, votava nos dois, mas só teremos alguma chance se houver uma chapa única.
Cris Souza

O DRAMA DO IMPÉRIO

Nenhum império é eterno. Os EUA entraram em declínio. Seus estrategistas falharam na geopolítica, tentando atingir a China e isolando a Rússia com bloqueio econômico e cerco militar da Otan. Com potência nuclear não se brinca. Antes, já haviam tentado golpear a democracia no Brasil e minar a força política da Índia, visando atingir o BRICS. Fracassaram. O dilema que enfrenta o Império está entre provocar uma guerra nuclear, onde ninguém se salva, ou aceitar uma bipolaridade na geopolítica com a Eurásia. Não há alternativa. A eleição nos EUA reflete esse quadro político decadente. De um lado, um mentiroso contumaz, antidemocrata, genocida e corrupto. Do outro, um neoliberalismo fracassado imposto por golpes e guerras, sob a liderança de um político com traços comprovados de senilidade.
Antonio Negrão de Sá

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

E-mail: cartas@cartacapital.com.br, ou para a Rua da Consolação, 881, 10º andar, 01301-000, São Paulo, SP.
•Por motivo de espaço, as cartas são selecionadas e podem sofrer cortes. Outras comunicações para a redação devem ser remetidas pelo e-mail **redacao@cartacapital.com.br**

FMI projeta PIB maior em 2025

O Fundo Monetário Internacional melhorou a perspectiva de crescimento do Brasil em 2025. Na atualização de seu relatório *Perspectiva Econômica Global*, o FMI passou a prever a expansão de 2,4% do PIB no próximo ano, 0,3 ponto porcentual a mais do que o calculado em abril. "O crescimento foi revisado para cima em 2025, para o Brasil, para refletir a reconstrução do Rio Grande do Sul após as enchentes e fatores estruturais positivos (por exemplo, aceleração da produção de hidrocarbonetos)", diz o documento.

Goiás/ Duplamente vitimada

Justiça nega aborto legal a adolescente de 13 anos após pedido do pai dela

Uma adolescente de 13 anos teve o aborto legal negado pelo Tribunal de Justiça de Goiás, após o pai da garota solicitar a proibição do procedimento. Em depoimento ao Conselho Tutelar, a jovem afirmou que gostaria de interromper a gestação quando estava na 18ª semana. Também ouvido pelo órgão de proteção dos direitos das crianças e dos adolescentes, o suspeito de ter praticado estupro de vulnerável, de 24 anos, alegou que não sabia da idade da vítima quando teve relações sexuais com ela.

Contrariando a vontade da menina, o pai da garota manifestou o desejo de o suspeito assumir a paternidade do bebê e ingressou na Justiça para que a filha fosse impedida de abortar. Representando a adolescente, o Ministério Público solicitou o procedimento, mas a desembargadora Doraci Lamar Rosa da Silva Andrade acatou o pedido do pai. Na decisão, a magistrada diz que a gravidez só poderia ser interrompida em caso de "comprovada ocorrência" de risco à vida da gestante e acrescentou que, segundo o pai da jovem, o "delito de estupro está pendente de apuração".

Não há o que apurar. Pela lei brasileira, qualquer tipo de relação sexual com uma pessoa com menos de 14 anos é considerada estupro de vulnerável. O suspeito do crime pode até não ser condenado, caso prove ter sido enganado a respeito da idade da garota, mas isso não muda o *status* da vítima. O caso foi revelado pelo jornal *O Popular* e pelo *site* Intercept.

A lei é clara: sexo com menores de 14 anos é estupro de vulnerável

Relações exteriores/ CRISE DIPLOMÁTICA

EMBAIXADOR BRASILEIRO NA ARGENTINA É CHAMADO PARA CONSULTAS

Julio Bitelli falará com Lula sobre a tortuosa relação com governo Milei

O embaixador do Brasil na Argentina, Julio Bitelli, foi chamado a Brasília para se reunir com o presidente Lula e com o chanceler Mauro Vieira. Não se trata exatamente de uma clássica "chamada para consultas", forma de reprimenda diplomática que expressa o estremecimento das relações bilaterais, a exemplo do ocorrido recentemente com o diplomata que representava o governo brasileiro em Israel.

"O deslocamento do embaixador à capital federal tem o propósito de repassar, de maneira aprofundada e pessoal, os principais temas do relacionamento entre Brasil e Argentina com interlocutores no governo brasileiro", informou o Itamaraty, por meio de nota.

A iniciativa de convocar o embaixador ocorre em meio à piora na relação entre Lula e Javier Milei, que frequentemente insulta o presidente brasileiro. Recentemente, o chefe de Estado argentino participou de uma conferência em Balneário Camboriú que contou com presença do ex-presidente Jair Bolsonaro e de outros políticos da extrema-direita brasileira. Logo depois, Milei faltou à reunião de cúpula do Mercosul, no Paraguai.

24.7.24

Penitenciárias/ Regras padronizadas

PEC prevê que o governo federal coordene o sistema carcerário brasileiro

Em proposta de emenda à Constituição para melhorar a atuação do Estado na segurança pública, o ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski, sugere que a União assuma a coordenação do sistema carcerário brasileiro. As penitenciárias continuariam sob a responsabilidade dos estados, mas seriam obrigadas a seguir diretrizes traçadas pelo governo federal.

Entre as regras que Lewandowski gostaria de implementar está a padronização de protocolos de revista de detentos, o veto à entrada de agentes penitenciários com celular pessoal e a adoção de equipamentos de inspeção corporal, conhecidos como *body scans*. Atualmente, cada estado adota um procedimento diferente em relação aos temas.

A proposta consta no texto elaborado pela pasta comandada por Lewandowski e enviado para análise da Casa Civil no fim do mês passado, antecipou a *Folha de S.Paulo*. Atualmente, a Secretaria Nacional de Políticas Penais já estabelece diretrizes para o sistema carcerário, mas os estados não estão obrigados a segui-las. Caso a PEC seja aprovada pelo Congresso com essa redação, o cumprimento das normas passaria a ser compulsório.

Lewandowski pretende adotar o *body scan* em todos os presídios

O "Ele Não" da PM de Tarcísio

Entoada em protestos contra a iminente eleição de Jair Bolsonaro em 2018, a palavra de ordem "Ele Não" acabou apropriada pelos próprios bolsonaristas. Recentemente, o corregedor da Polícia Militar de São Paulo, coronel Fábio Sérgio do Amaral, usou o *slogan* ao veicular no WhatsApp uma campanha contra o deputado federal Guilherme Boulos, pré-candidato do PSOL à prefeitura de São Paulo. Por meio de nota, o governo de Tarcísio de Freitas disse que "o posicionamento não reflete os valores" da instituição, que seria "legalista, imparcial e isenta de posições políticas". Não mencionou, porém, qualquer sanção ao coronel. Conforme o regimento interno da corporação, manifestações de cunho político-partidário são vedadas a policiais da ativa. E a Corregedoria, vale frisar, é um dos órgãos responsáveis por punir condutas inadequadas de integrantes da PM paulista.

Vida digital/ CONDUTA INADEQUADA

PM DA BAHIA DETERMINA PRISÃO POR 30 DIAS DE POLICIAIS INFLUENCIADORES

A Polícia Militar da Bahia decidiu punir dois soldados por condutas inadequadas nas redes sociais. Os policiais influenciadores ficarão afastados das atividades profissionais por 30 dias, cumprindo medidas disciplinares.

Aos seus 47 mil seguidores, o soldado Clézio Santana Lins, conhecido como Lins Santana, informou que ficará detido em um batalhão da PM. A punição foi imposta após ele enfrentar um processo administrativo por causa de declarações dadas a um *podcast*. Na entrevista, ele falou sobre uma abordagem policial na qual um dos agentes teria furtado a calcinha de uma mulher. Depois, disse tratar-se de uma história inventada. "Fui infeliz ao falar sobre uma ocorrência, criei uma situação para tornar o *podcast* engraçado."

Já a policial rodoviária Flora Machado foi punida por fazer publicidade de vários produtos na internet, inclusive fardada. Com 492 mil seguidores no Instagram, ela costuma falar sobre religiosidade, moda e atividades físicas. Segundo a PM, essas publicações acabaram por fazer "uma associação inadequada da imagem institucional da PM com atividades comerciais e de entretenimento". Nas redes sociais, ela não comentou o resultado do processo administrativo, mas disse estar bem, "de cabeça erguida".

Clézio Lins e Flora Machado foram punidos após processo disciplinar

REDES SOCIAIS, KEILA OLIVEIRA/GOVMS, PAULO PINTO/ABR E MARCELO CAMARGO/ABR

A Semana

Leve desaceleração

A economia da China cresceu 4,7% no segundo trimestre deste ano, em comparação com o mesmo período de 2023, um pouco abaixo das projeções dos analistas, de 5,1%. O governo almeja uma alta do PIB de 5% em 12 meses. Para combater a desaceleração e a crise no setor imobiliário, Pequim ampliou os investimentos em infraestrutura e os estímulos à indústria de alta tecnologia. Em junho, as exportações do país registraram subida de 8,6%.

França/ Cada um por si?

Nem a esquerda nem o campo de Macron se entendem

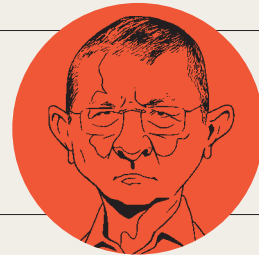
Macron desrespeita a vontade do eleitor. Mélenchon quer um compromisso do PS

REDES SOCIAIS/LFI E STEPHANIE LECOCQ/AFP

Uma semana depois do sucesso da aliança tácita que levou à derrota da extrema-direita, nem a Nova Frente Popular nem os aliados do presidente Emmanuel Macron sabem muito bem como lidar com o resultado das urnas. A esquerda voltou à velha dinâmica da divisão interna. Os socialistas vetaram a indicação para o cargo de primeira-ministra de Huguette Bello, ex-militante do Partido Comunista que se aproximou nos últimos anos da França Insubmissa, movimento liderado por Jean-Luc Mélenchon. Em resposta, Mélenchon vetou a sugestão de Laurence Tubiana, diplomata e ambientalista que serviu no gabinete de Lionel Jospin. O líder da França Insubmissa conclamou o PS a desistir "de sua recusa em aceitar qualquer candidatura que não seja a sua" e afirmar "a relutância em entrar em qualquer tipo de acordo com o campo pró-Macron" para viabilizar uma legislatura de centro-direita.

O tempo corre. Os deputados eleitos no domingo 7 tomaram posse na quinta-feira 18. O presidente da República, por sua vez, força uma coligação entre os parlamentares de seu partido e a bancada dos Republicanos, tradicional legenda de direita. Segundo a mídia francesa, Macron, ao menos, reviu a decisão de manter por tempo indeterminado o atual *premier*, Gabriel Attal. A renúncia, anunciada na noite do segundo turno, deve ser aceita em breve. A mídia tem criticado o mandatário por não aceitar a vontade popular ao negar o fato de a Nova Frente Popular formar a maior bancada na Assembleia e, portanto, ter a primazia de tentar montar um governo, ainda que minoritário.

ALDO FORNAZIERI

Cientista político, professor da Escola de Sociologia e Política e autor, entre outros, de *Liderança e Poder* (Contracorrente)

O erro da isenção da carne

▶ A medida produz dois grandes danos: aumenta as desigualdades sociais e contribui para o aquecimento global

Quem estudou ou estuda Maquiavel sabe que o bem e o mal são intercambiáveis. Muitas vezes aquilo que se apresenta como o bem produz o mal e outras vezes aquilo que parece uma crueldade é mais piedade do que algo apresentado como piedade. A ocorrência quase universal desse intercâmbio é praticamente diária nos acontecimentos políticos mundanos e nos negócios humanos.

Alguém minimamente informado sabe também que a principal causa formadora das desigualdades sociais no Brasil reside na estrutura tributária injusta e concentradora de renda. A regulamentação da reforma tributária deu mais um passo para reforçar e ampliar as causas da geração das desigualdades. Esse feito conseguiu unir quase todos os deputados, o governo e a oposição, Lula e os deputados do PL, o agronegócio e as esquerdas, e por aí vai. Trata-se da inclusão da isenção tributária da carne bovina e de outras proteínas animais em nome de garantir o acesso aos pobres. Essa suposta piedade aumenta a crueldade das desigualdades e beneficia os mais ricos e os grandes produtores de carne – o agronegócio, geralmente depredador.

Há praticamente uma unanimidade entre os analistas de que a inclusão da carne na isenção beneficia os mais ricos. Há também uma unanimidade entre os analistas sérios com a tese de que havia uma alternativa mais justa e equitativa para garantir o acesso ao consumo de carne aos mais pobres. Consistia na adoção do *cashback*, proposta inicialmente defendida pelo ministro Fernando Haddad e pelo presidente da Câmara, Arthur Lira. Mas a pressão avassaladora dos ruralistas, dos lobistas, dos populistas e dos eleitoreiros levou todos a sucumbir.

O *cashback* surgiu em 2023, no âmbito da reforma tributária. O mecanismo trata da devolução do imposto pago em determinadas compras para a população com renda mais baixa. Impostos e isenções lineares sobre produtos de consumo têm efeitos regressivos e concentradores. O *cashback* é adotado em vários países. Por aqui, o Rio Grande do Sul foi pioneiro na sua adoção. Os beneficiados são ou poderiam ser, por exemplo, os beneficiários do Bolsa Família e os inseridos no Cadastro Único. Existem várias formas de devolução do imposto. Uma das mais interessantes consiste em devolvê-lo imediatamente, na hora da compra, como acontece no Uruguai.

Estudos, inclusive do Banco Mundial, mostram que o *cashback* é mais justo e equitativo do que a isenção de produtos de cestas básicas. E quanto menos produtos da cesta básica são isentados, mais baixa será a alíquota média do imposto agregado pago por todos. A isenção da carne aumentará o IVA e o Brasil terá uma das alíquotas médias maiores do mundo, segundo cálculos preliminares. As desonerações lineares favorecem os mais ricos em todas as circunstâncias, pois eles consomem mais e usam parte menor de suas rendas para o consumo, apesar de comprarem produtos mais caros ou, no caso, consumindo carnes e cortes nobres.

O Brasil é um dos países que mais produzem e mais consomem carne no mundo. O consumo *per capita* está em torno de 98 quilos por ano. Estudo publicado pelo Núcleo de Extensão da USP sobre Alimentação Sustentável mostra que as famílias brasileiras que ganham até meio salário mínimo por integrante gastam 5% de sua renda com carne. As famílias que ganham acima de quatro salários mínimos por cabeça, gastam 0,3% de sua renda. As famílias mais pobres pagam, em média, 14,55 reais por quilo e aquelas de maior renda, 21,36. É uma demonstração cabal do forte impacto regressivo da isenção.

Outro estudo publicado em 2023 por pesquisadores da USP na revista *Environment Development and Sustentability* mostra que a carne é responsável por 86% da pegada de carbono (volume total dos gases de efeito estufa) da dieta nacional. A produção é ainda responsável por 77% da poluição dos cursos d'água e por 26% do consumo total de água. Dentre as cinco principais recomendações dos mais influentes cientistas ambientais do mundo para atenuar a catastrófica crise climática consta a redução do consumo de carne bovina.

Quer dizer: a aliança carnívora que incluiu a carne na cesta básica e isentou o produto de tributação gera dois grandes danos: aumenta as desigualdades sociais e eleva o impacto no aquecimento global. Isso prova que governo, Câmara dos Deputados, governantes, parlamentares e partidos estão mais interessados em promover seus interesses eleitorais e seus privilégios, em detrimento da sociedade, dos mais pobres e do planeta. Não por acaso, a política vive um grande desprestígio, promovido pelos próprios políticos. •

alfornazieri@gmail.com

BAPTISTÃO

INÊS 249

REPORTAGEM DE CAPA

O VÍCIO DO PECULATO

TANTO NO CASO DAS JOIAS QUANTO NO DA PROTEÇÃO A FLÁVIO BOLSONARO, EIS O CRIME MAIS CINTILANTE

por ANDRÉ BARROCAL

Eduardo Roberge Frutuoso gerenciava um parque em Blumenau e cobrava, em nome do Poder Público, pelo aluguel de espaços para eventos. Frutuoso induzia os clientes a pagar em dinheiro e ficava com parte dos valores: ao menos 27 mil reais em 2017. Em março de 2023, foi sentenciado a cinco anos de cadeia pela 2ª Vara Criminal de Blumenau. No mês seguinte, Henrique Manoel Machado, ex-conselheiro do Tribunal de Contas do Estado de Roraima, sofria condenação igual no Superior Tribunal de Justiça. Tinha recebido 297 mil reais em auxílio-transporte referentes aos anos de 2011 a 2014, apesar de afastado do TCE no período. Ele próprio autorizara o pagamento, ao assumir a chefia da Corte de contas em 2015. Tanto Machado quanto Frutuoso cometeram o crime de peculato, previsto no artigo 312 do Código Penal, ilícito que consiste no embolso de bens ou valores dos quais um agente público deveria tomar conta. O tempo de prisão varia de 2 a 12 anos.

CAROLINA ANTUNES/PR E ROSINEI COUTINHO/STF

Moraes não se cansa de proporcionar ao País momentos de diversão

Esse tipo de crime também é punido fora do Brasil. Há três meses, um ex-presidente, Dinis Costa, da Câmara de Vereadores da cidade portuguesa de Vizela foi condenado a quatro anos de cadeia por ter usado o cartão corporativo municipal para pagar 10 mil euros, cerca de 60 mil reais, em contas de restaurantes e hotéis. Descrito no artigo 375 do Código Penal português, o peculato tem origem no Direito Romano. Sua definição na Roma antiga era mais ou menos a mesma de hoje. Naquele tempo, não havia moeda ou notas de dinheiro. A contagem do tamanho do desvio de bens públicos era feita com base em bois. Ou seja, em "gado", *pecus* em latim. Vem daí o nome do crime. O *pecus* brasileiro e seu ídolo têm motivos para apreensão por estes dias, quando o assunto é peculato.

Na segunda-feira 15, veio a público o áudio de uma reunião de 25 de agosto de 2020 do então presidente Jair Bolsona-

Bolsonaro concordou em atrapalhar a investigação contra o filho Flávio, o rei das "rachadinhas"

Ramagem gravou e Heleno não entendeu nada (ou se fez de sonso). As advogadas Pires e Bierrenbach deram o caminho das pedras

ro com duas advogadas que defendiam o senador Flávio, o 01, no caso das "rachadinhas", nome folclórico para uma situação que o Ministério Público classificaria dois meses depois como peculato. As defensoras queriam um auxílio do governo para anular provas contra o filho de Bolsonaro. "O caminho tem que ser processual, tá? Materialmente é muito ruim. A história é ruim", afirmou uma delas, Luciana Pires, no fim da reunião, já sem o presidente na sala. Tradução: era difícil rebater a eventual acusação de que Flávio seria, numa linguagem popular e das ruas, ladrão de verba pública. Melhor seria tentar salvá-lo com alegações processuais, ou seja, de que algo não havia sido feito de forma correta pela polícia ou pelo Ministério Público ao longo do processo.

Quem ouviu o comentário de Pires foi o delegado federal Alexandre Ramagem, então diretor da Agência Brasileira de Inteligência, outro presente na conversa das advogadas com o capitão, juntamente com o general Augusto Heleno, à época ministro do Gabinete de Segurança Institucional. Ramagem gravou a reunião, áudio encontrado pela PF em um dos três celulares do atual deputado confiscados em janeiro, durante uma das etapas da Operação Última Milha, investigação sobre o uso da Abin para proteger parentes e perseguir inimigos do capitão. Os federais também encontraram, ao vasculhar os pertences de Ramagem, uma anotação que dizia, segundo *O Globo*, "contestar juridicamente a imputação de peculato, desestruturar teoria de domínio do fato do Flávio como suposto mentor de esquema". Na quarta-feira 17, o delegado depôs por seis horas na superintendência da PF do Rio de Janeiro, cidade na qual pretende concorrer ao cargo de prefeito.

Se uma das advogadas achava melhor não concentrar a defesa em torno do mérito de uma eventual acusação de peculato, um conselheiro jurídico do pai do senador teve ideia semelhante diante do apuro do ex-presidente no rolo das joias. Em 8 de março de 2023, Frederick Wassef conversou com Bolsonaro por WhatsApp. O caso tinha estourado na mídia cinco dias antes. Na véspera do papo, Wassef havia preparado uma nota pública em nome do ex-presidente. Em um áudio, o advogado dizia que o objetivo da nota era transmitir a ideia de que Bolsonaro seria vítima de "armação e *fake news*". "Esta mensagem simples, curta e grossa é que tem que ir para o público. Sem adentrar em detalhes, em questões de leis e nem nada porque o povo não tem tempo pra ler e nem vai entender isso", instruiu.

As mensagens trocadas com o capitão estavam em um dos quatro celulares do advogado apreendidos pela PF em agosto passado, durante a Operação Lucas 12:2, que apura o comércio de joias recebidas por Bolsonaro enquanto ocupava o Palácio do Planalto. No início de julho, a PF encerrou a investigação e concluiu: o ex-presidente cometeu peculato, meteu a mão em joias que ganhara no exercício do mandato e pertenciam ao Estado. Agora cabe ao procurador-geral da República, Paulo Gonet, decidir o que fará com as descobertas e conclusões policiais. Ele pode pedir novas apurações à PF, considerar o material inútil e arquivá-lo ou vislumbrar um crime de autoria provável ou comprovada

WASHINGTON COSTA/MF, MARCO CARDELINO/ALESP, REDES SOCIAIS, FERNANDO FRAZÃO/ABR E EDU ANDRADE/MF

Tostes e Gomes foram pressionados a servir aos interesses pessoais da família

e denunciar os envolvidos ao Supremo Tribunal Federal.

No Ministério Público, há quem entenda ser o caso das joias aquele mais bem caracterizado e de mais fácil compreensão entre todos os inquéritos policiais contra Bolsonaro. O ex-presidente ainda goza da simpatia de boa parte da população. Para amaciar o terreno perante a opinião pública de futuros julgamentos no Supremo seria bom começar por um caso como o das joias. Gonet não tem pressa. Repete que não haverá "açodamento", conforme relatos na Procuradoria. Prefere evitar fazer acusações durante a campanha municipal, entre agosto a outubro. Seria uma forma de não alimentar teorias de que estaria mancomunado com dois "inimigos" comuns do bolsonarismo: Alexandre de Moraes, do Supremo, e o presidente Lula.

Flávio foi denunciado por peculato pelo Ministério Público do Rio de Janeiro em outubro de 2020, mês em que deveria ter ocorrido, mas não houve, em razão da pandemia, eleições municipais – adiadas para novembro. Peculato era o crime principal por trás do esquema das "rachadinhas" na Assembleia Legislativa fluminense. O filho 01 havia sido deputado estadual de 2003 a 2018. Tinha direito a verbas para contratar funcionários, e esses recursos eram divididos entre o contratado e ele, conforme a denúncia dos procuradores. Às vezes, o

PAULO GONET, PROCURADOR--GERAL DA REPÚBLICA, NÃO DEMONSTRA PRESSA EM DENUNCIAR BOLSONARO

O general Cid prestou-se ao serviço de "mula" de Bolsonaro

montante chegava ao então deputado pelas mãos do ex-PM Fabrício Queiroz, seu antigo chefe e velho conhecido de Jair Bolsonaro. Um amigo que fez depósitos na conta de Michelle e ficou sumido no início do governo do capitão até ser preso preventivamente, em junho de 2020, num sítio de Wassef. O mérito da acusação de peculato contra Flávio jamais foi examinado pela Justiça. Após idas e vindas em instâncias do Judiciário, o processo acabaria anulado em 2021.

Em busca de uma mãozinha para anular as provas, as advogadas do senador recorreram a Bolsonaro em 25 de agosto de 2020. Uma delas, Juliana Bierrenbach, teorizou diante do então presidente, conforme se ouve no áudio recém-divulgado, que as apurações do MP sofriam de uma ilegalidade na origem. Qual? Os relatórios do Coaf, órgão federal de combate à lavagem de dinheiro, nascido de dicas indevidas feitas por auditores fiscais da Receita Federal no Rio de Janeiro. Bierrenbach construiu essa versão com base em disputas judiciais que realmente aconteceram entre auditores. De um lado da disputa estavam servidores acusados por colegas de corrupção. De outro, espiões da vida patrimonial dos acusados.

Para provar as irregularidades dos relatórios do Coaf, as advogadas propuseram a Bolsonaro recorrer aos chefes da Receita e do Serpro, o serviço federal de proteção de dados. Ambos poderiam identificar quais auditores acessaram os dados fiscais e patrimoniais de Flávio. O presidente concordou com a proposta. "É o caso de conversar com o chefe da Receita, ele (Flávio) não tá pedindo nenhum favor, ninguém tá pedindo favor aqui. É o caso de conversar com o chefe da Receita, o Tostes." José Barroso Tostes Neto comandava a Receita. O capitão topou falar ainda com o então diretor do Serpro, Gileno Gurjão Barreto, embora tenha se confundido e achado que se tratava

de Gustavo Canuto, à época à frente da Dataprev, empresa de tecnologia e dados da Previdência. "(Canuto) É o zero um do Serpro, era ministro meu, foi pra lá... Sem problema nenhum conversar com ele, não vai ter problema nenhum conversar com o Canuto."

Caso tenha falado com Tostes e Barreto sobre o caso do filho, Bolsonaro praticou "advocacia administrativa" (artigo 321 do Código Penal) e tráfico de influência (artigo 332). É de se supor que o tenha feito, não só pelo teor da reunião. Recorde-se o que ele comentara em 2019, ao tentar emplacar o filho Eduardo como embaixador nos Estados Unidos: "Pretendo beneficiar um filho meu, sim". Ou então o que dissera em uma reunião ministerial de abril de 2020: "Não vou esperar foder a minha família toda, de sacanagem, ou amigo meu, porque eu não posso trocar alguém da segurança na ponta da linha que pertence à estrutura nossa. Vai trocar. Se não puder trocar, troca o chefe dele. Não pode trocar o chefe dele? Troca o ministro. E ponto final". Sergio Moro deixou o Ministério da Justiça dias depois, por resistir ao que chamou de tentativas de "interferências políticas" de Bolsonaro na PF.

Com a saída de Moro, Bolsonaro substituiu o diretor-geral da PF e tentou nomear Ramagem, mas o Supremo o impediu. Amigo do clã Bolsonaro, o agora deputado estava desde 2019 na agência de inteligência e parece ter aceitado tirar do papel uma ideia de Carlos, o 02: montar uma "Abin paralela". Quem revelou a ideia de Carluxo foi Gustavo Bebbiano, secretário-geral da Presidência nos dois meses iniciais da gestão Bolsonaro. Contou-a em março de 2020, em uma entrevista. Morreu 12 dias depois. Ramagem levou para a Abin policiais federais e militares da sua confiança e do clã. Esse grupo operou o serviço "paralelo". "O que os fatos revelam são pessoas externas às carreiras de Inteligência inseridas no órgão para atuar de forma não republicana", ressalta a Intelis, entidade dos servidores da agência.

Sob Ramagem, conforme investigações atuais, agentes a serviço da Abin tentaram proteger Jair Renan, outro filho de Bolsonaro, em uma apuração da mesma PF, abandonada em 2021, sobre tráfico de influência. No caso das "rachadinhas" de Flávio, prepararam linhas de defesa, conforme relatos do jornalista Guilherme Amado de dezembro de 2020. E, de acordo com a Operação Última Milha, tentaram desmoralizar três auditores fiscais que teriam dado dicas "indevidas" ao Coaf. Um policial federal, Marcelo Bormevet, e um sargento do Exército, Giancarlo Gomes Rodrigues, foram presos preventivamente em 11 de julho, por ordem de Moraes, por terem, entre outras coisas, tentado desmoralizar os auditores. Em mensagem de WhatsApp em 20 de novembro de 2020, Bormevet pediu a Rodrigues que fosse atrás de "podres e relações políticas" de três servidores, Christiano José Paes Leme Botelho, Cleber Homem da Silva e José Pereira de Barros Neto. Valia até vasculhar redes sociais das esposas.

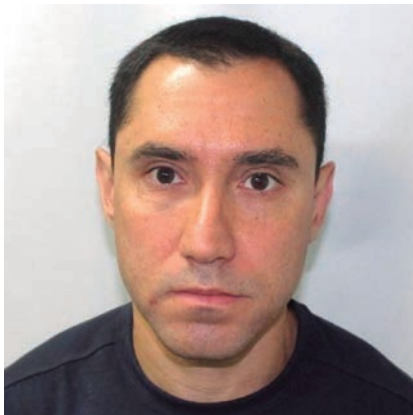
O bolsonarismo agora usa esse mé-

Depois de concordar com a venda do *kit* de joias, o ex-presidente desistiu por considerar o preço baixo

REDES SOCIAIS E LEO BARK/MPF

todo contra Fabio Alvarez Shor, delegado encarregado de três inquéritos, das joias, da falsificação de cartão de vacinas e da tentativa de golpe. Em 14 de julho, o senador Marcos do Val publicou nas redes sociais uma espécie de encomenda ao *pecus*. "Este delegado, até então desconhecido, tem se ocultado das redes sociais, mas o Brasil precisa conhecer quem é o executor das ordens ilegais de Alexandre de Moraes". Duas entidades representativas dos federais, a ADPF e a Fenapol, divulgaram notas em defesa de Shor. A ADPF afirma estudar medidas cabíveis de proteção ao policial.

Segundo um experiente delegado federal, o bolsonarismo ataca um indivíduo, e não a corporação, pelo fato de haver, nos quadros da PF, simpatizantes do capitão. A estratégia de acuar e amedrontar Shor, diz, pode dar certo e levá-lo a abandonar os casos. Funcionou com a delegada que o antecedeu no comando do inquérito das milícias digitais, Denisse Ribeiro, atualmente chefe da segurança do Superior Tribunal de Justiça. Se ninguém quiser presidir os inquéritos contra Bolsonaro, afirma o delegado, acaba a capacidade investigativa de Moraes. "Esperar serenidade e bom-senso dessa Polícia Federal, que são as cadelas do Alexandre de Moraes, não dá mais", afirmou Eduardo Bolsonaro em uma entrevista recente a um jornal bolsonarista do Paraná. A propósito, o experiente delegado acredita que a gravação de Ramagem da reunião de Bolsonaro de agosto de 2020 sobre o "caso Flávio" mostra que no governo do capitão ninguém confiava em ninguém. Ele lembra ainda o costume de antigos serviços de inteligência de gravarem tudo para fazer chantagem. O ataque se intensificou logo após Shor finalizar a apuração do caso das joias e acusar Bolsonaro de peculato.

Há ao menos duas situações bem complicadas para o ex-presidente. A primeira foi a venda, em junho de 2022, de dois relógios por 68 mil dólares, cerca de 360 mil reais na cotação atual. Os relógios eram presentes da Arábia Saudita (um Rolex) e do Bahrein (um Patek Philipe). Quem tratou da venda foi o tenente-coronel do Exército Mauro Cesar Barbosa Cid, ex-chefe dos ajudantes de ordem de Bolsonaro na Presidência e convertido em delator do esquema. Dados bancários, depoimentos de Cid e fotos mostram que o dinheiro entrou na conta do general Mauro Cesar Lourena Cid, pai do delator, e foi entregue a Bolsonaro aos poucos. A primeira parcela, cerca de 30 mil dólares, em setembro de 2022, em Nova York. O resto, em fevereiro e março de 2023, com Bolsonaro já nos EUA e fora do poder. "O dinheiro seria entregue sempre em espécie de forma a evitar que circulasse no sistema bancário", concluíram os investigadores. Modo comum de se lavar dinheiro.

O delegado Shor tem sido perseguido por bolsonaristas. Gonet prefere agir com cautela

NO CASO DE SOCORRO AO FILHO ENCRENCADO, BOLSONARO, TUDO INDICA, TAMBÉM INCORREU NOS CRIMES DE ADVOCACIA ADMINISTRATIVA E TRÁFICO DE INFLUÊNCIA

A outra situação foi a tentativa frustrada de Cid de realizar uma segunda venda, via leilão *online* em fevereiro de 2023 organizado por uma empresa de Nova York. Tratava-se de um *kit* com um relógio Chopard, anel, caneta, par de abotoaduras e rosário islâmico, outro presente dos sauditas. Às vésperas do leilão, Cid mandou uma mensagem de celular a Bolsonaro na qual informava o andamento do negócio. A resposta do capitão foi "Selva", palavra usada por militares para dizer coisas como "ok", "é isso aí", "vamos em frente". O preço do conjunto: 120 mil dólares, perto de 640 mil reais. Segundo um *e-mail* do ex-ajudante de ordens à empresa do leilão, de 22 de fevereiro de 2023, Bolsonaro desistiu da venda por considerar o valor muito baixo.

Duas semanas após o *e-mail*, explodiu o escândalo das joias. De acordo com o jornal *O Estado de S. Paulo*, a Receita Federal havia retido no aeroporto adornos femininos transportados por um assessor do almirante Bento Albuquerque, então ministro de Minas e Energia. É de se supor que as joias ficariam com Michelle. A poucos dias de partir para os EUA e deixar a Presidência, Bolsonaro falou duas vezes (uma pessoalmente, outra por telefone) com o secretário da Receita, Julio Cesar Vieira Gomes, substituto de Tostes. Pediu a Gomes para liberar os presentes. Não conseguiu. •

INÊS 249

Bandidos de Deus

COMPLEXO DE ISRAEL Após expulsar praticantes de religiões afro-brasileiras, traficantes evangélicos passam a perseguir também os católicos

POR MAURÍCIO THUSWOHL

De tradição secular, as festas juninas, quase sempre associadas às paróquias católicas e estendidas em intenso calendário de eventos que avança ao mês de julho, costumam movimentar os bairros da Zona Norte do Rio de Janeiro. Neste ano, contudo, um inusual silêncio prevaleceu nas comunidades sob o domínio do Terceiro Comando Puro, facção criminosa "convertida ao Evangelho", nas palavras de um de seus líderes, o narcotraficante Álvaro Malaquias Santa Rosa, conhecido como Peixão.

Depois de ganhar fama por impedir nas favelas sob seu controle o uso de roupas brancas e o bater de atabaques, além de destruir terreiros e expulsar praticantes de religiões de matriz africana, Peixão decidiu estender sua perseguição aos católicos: "Comunicamos que nosso *arraiá*

TAMBÉM NESTA SEÇÃO

pág. 20
Eleições. O MST pretende lançar até 700 candidatos nas disputas municipais

Narcopentecostalismo. A bandeira israelense e a estrela de Davi tornaram-se onipresentes no conjunto de cinco favelas controladas pela "Tropa de Arão"

está suspenso neste fim de semana. Não teremos missas e atividades em nossa paróquia também. Igreja fechada". Postado nas redes sociais pela Paróquia de Santa Edwiges, a mensagem dava conta da não realização da festa que acontece há décadas no bairro de Brás de Pina, na igreja que hoje tem em seu muro frontal, em letras garrafais, a pichação "TCP".

Segundo relatos de fiéis na internet, festas e atividades também teriam sido suspensas nas paróquias de Santa Cecília, em Cordovil, e de Nossa Senhora da Conceição e São Justino, em Parada de Lucas, tudo por conta da intimidação feita por homens armados ligados à facção. Os bairros estão dentro dos limites territoriais do chamado "Complexo de Israel".

Em 2020, diversos integrantes da cúpula do TCP anunciaram sua "conversão" em um templo evangélico. Na sequência, Peixão decidiu rebatizar o conjunto de cinco favelas: Parada de Lucas, Vigário Geral, Cidade Alta, Cinco Bocas e Pica-Pau. Hoje, essas comunidades formam um bastião na guerra contra o Comando Vermelho, maior facção do Rio, pelo controle da Zona Norte carioca. Juntamente com a imposição da mudança de nome vieram outras novidades, como as dezenas de bandeiras de Israel pintadas nas paredes externas das casas e uma reluzente estrela de Davi fincada no alto de uma das comunidades. Além da perseguição religiosa, há a associação criminosa com alguns pastores para lavar dinheiro do tráfico, alvo das investigações da Polícia Federal.

REDES SOCIAIS

Paróquias da Zona Norte do Rio de Janeiro foram coagidas a não realizar festas juninas

No curso da Operação Fim do Mundo, a PF prendeu em janeiro o pastor Leonardo Belchior de Souza, acusado de ser laranja do TCP e de participar com membros de sua família de um esquema de envio de armas e drogas para o Complexo de Israel. Casos semelhantes estão sendo investigados e nomes de outros pastores devem vir à tona nos próximos meses, diz uma fonte consultada por *CartaCapital*, mas a corporação não comenta oficialmente as investigações em curso. A atual forma de agir e de se expandir do TCP representa mais do que uma aliança pontual com igrejas neopentecostais. Segundo especialistas, a atuação de Peixão e seu bando representa uma nova faceta do crime organizado no Rio, na qual o tráfico passa a adotar práticas de milícias, como venda de botijões de gás e distribuição de tevê a cabo, além do discurso alinhado à extrema-direita.

"Cada grupo evangélico apropria-se das ferramentas que estão ao seu alcance. Os megatemplos investem em culturas arquitetônicas grandiosas e mídias digitais. As igrejas comunitárias apropriam-se melhor da convivência cotidiana, da atenção às necessidades básicas de fome, roupa, afeto. Já os grupos ligados ao narcotráfico manifestam suas linguagens através da violência, em nome daquilo que acreditam", observa a pesquisadora Rita Alves, pós-doutora em Planejamento Urbano e Regional pela UFRJ e autora do livro *Urbanidade Gospel: Megatemplos*

Evangélicos na Experiência Urbana, antes de fazer uma importante ressalva: "Essas facções não são maiores que a diversidade religiosa evangélica, que atua para o bem e faz frente contra a intolerância".

A religiosidade exacerbada de Peixão fez com que, desde o ano passado, ele tenha adotado para si o nome do personagem bíblico Arão, irmão de Moisés, e passado a chamar seu grupo de seguranças de Tropa de Arão. Para Christina Vital, coordenadora do Laboratório de Estudos em Política, Arte e Religião da UFF, Peixão é um personagem emblemático, mas não um caso isolado: "Ele não é o único traficante afinado com práticas antes identificadas com a milícia. Também não é o único a mobilizar a religião como um código que produz identidade de grupos criminais". A professora diz também que a figura de traficantes que mandam fazer pinturas bíblicas, tatuam Cristo em seus corpos e financiam shows gospel em suas comunidades não é exclusiva do Complexo de Israel: "O que faz diferença no comportamento de Peixão é a crença de que está em uma missão e a sua vinculação imaginária ao povo escolhido de Israel".

Talvez ainda perplexa, a comunidade católica, apesar dos inúmeros relatos de fiéis nas redes sociais, não admite oficialmente a intimidação sofrida pelas paróquias próximas ao Complexo de Israel. Procurados por *CartaCapital*, tanto a Arquidiocese do Rio quanto parlamentares ligados aos eleitores católicos preferiram não comentar o ocorrido. Informalmente, foi solicitada às autoridades maior segurança para as igrejas ameaçadas: "As paróquias de Santa Edwiges, Santa Cecília e Nossa Senhora da Conceição e São Justino estão abertas e com segurança reforçada pela Polícia Militar", disse em nota a Secretaria Estadual de Segurança Pública.

Já entre os adeptos das religiões de matriz africana, o sentimento é de pavor, com os pais de santo que tiveram seus terreiros destruídos ou foram expulsos preferindo o silêncio, à espera de dias melhores. "A nossa sociedade caminha para um genocídio cultural. Tentam desconstruir a história e a cultura de um povo, de uma nação, e isso é muito perigoso para o Estado laico, a democracia e as instituições da sociedade civil", afirma Marcelo Yango, diretor da Rede Social Agen Afro. Ele é outro a ressaltar que a perseguição religiosa transcende o Complexo de Israel. "Hoje, o Rio vive uma situação calamitosa referente à intolerância religiosa."

"A paz religiosa nas comunidades cariocas começou a ser rompida nos anos 1990", afirma professor da UFRJ

Professor do programa de pós-graduação em História Comparada da UFRJ e conselheiro do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (Ceap), o babalaô Ivanir dos Santos afirma que, embora tenham se intensificado nos últimos anos, as perseguições religiosas promovidas pelo narcotráfico não são exatamente uma novidade no Rio. "A paz religiosa nas comunidades cariocas começou a ser rompida nos anos 1990, quando um traficante resolveu proibir cultos afro na Favela de Acari. Depois, esse fenômeno se repetiu no Morro do Urubu e na Ilha do Governador, onde traficantes mandaram fechar terreiros e proibiram moradores de andar de branco. Nos anos 2000, aconteceu em Lins de Vasconcelos. E essa onda ganha espaço depois em Vigário Geral, na Baixada Fluminense, em São Gonçalo e em Campos", destaca. Hoje em dia, diversas comunidades passaram a ser objeto de perseguição. "Em um primeiro momento era uma agressão dirigida à umbanda e ao candomblé, depois passou também aos chamados santos católicos populares, que têm imagens dentro de residências ou locais públicos, como São Jorge e São Sebastião."

Christina Vital concorda que a violência de traficantes contra religiosos de matriz africana vem crescendo desde o início dos anos 2000. É parte de um fenômeno mais geral, no qual traficantes e fiéis do candomblé e da umbanda são apenas alguns dos atores: "Devemos lembrar que a destruição de terreiros e imagens em igrejas católicas também vem acontecendo em várias cidades no Brasil, realizada por fiéis de igrejas lideradas por extremistas". Em todos os casos, são necessárias campanhas e políticas públicas contra a intolerância religiosa. "Líderes evangélicos extremistas devem ser constrangidos quando propagarem discursos de ódio."

Deputado federal pelo PSOL, o pastor Henrique Vieira diz que existe no Brasil um fundamentalismo evangélico traduzido em um projeto de poder que violenta de forma permanente a democracia e os direitos humanos: "A perseguição significa um atentado contra a diversidade religiosa e a liberdade de culto. Quando se associa intolerância religiosa com controle armado sobre um território, o resultado é violência e coerção, um projeto de eliminação da diversidade". Após ressaltar que "o campo evangélico é plural, diverso e popular", o parlamentar afirma que a "maioria esmagadora" dos evangélicos certamente repudia o que acontece no Complexo de Israel: "Esta é uma observação importante para que o campo evangélico seja visto na sua complexidade e na sua diversidade".

TONINHO TAVARES/AGÊNCIA BRASÍLIA, REDES SOCIAIS E REDES SOCIAL/PARÓQUIA SANTA EDWIGES

Intolerância religiosa. O babalaô Ivanir dos Santos e o pastor Henrique Vieira criticam os recorrentes ataques a terreiros e, agora, a paróquias católicas

Para o defensor público Pedro Carriello, a onda fundamentalista acerta em cheio a alma carioca: "Tradicionalmente, no Rio, ainda que já houvesse essa violência absurda do tráfico, havia respeitabilidade pelo território e pela questão cultural. Era frequente a comunhão dos credos, as pessoas desfilavam nas escolas de samba, frequentavam os centros de umbanda e de candomblé. Não havia mediação do tráfico sobre isso, porque era algo natural essa encruzilhada de várias religiões, inclusive na música, como vemos no samba, no funk e no rap". O atual problema, acrescenta, é a junção da teoria da prosperidade com uma crescente ideia de dominação no discurso evangélico: "Nessa lógica, é preciso ocupar todos os espaços políticos e comunitários, anular tudo aquilo que não está na sua comunhão, na suposta ideia do plano de Deus. Não se tolera mais nada que seja contrário".

O controle pelo fuzil é apenas a face mais visível e brutal dessa violência, emenda Vieira: "A lógica do domínio não impera só no Complexo de Israel, ela está em discursos de parlamentares, na boca do ex-presidente Bolsonaro, nos lábios de alguns pregadores que não reconhecem a beleza da diversidade, que demonizam as religiões de matriz africana, que chamam os católicos de idólatras, que não reconhecem outras formas de constituição de família". Há, portanto, duas facções, uma institucionalizada e outra armada. "A primeira usa a caneta, a segunda maneja o fuzil. Mas o espírito é o mesmo, de não reconhecer a dignidade do outro." •

Rompendo cercas, agora na política

ELEIÇÕES O MST prepara o lançamento de até 700 candidatos nas disputas municipais

POR MARIANA SERAFINI

Em seu aniversário de 40 anos, o MST lança um projeto ambicioso de ocupar Câmaras Municipais e prefeituras pelo Brasil afora. Em plenária preparatória para as eleições, realizada no início de julho na Escola Nacional Florestan Fernandes, o centro de formação política do movimento, localizado em Guararema, no interior paulista, foram anunciadas mais de 300 pré-candidaturas. "A expectativa é chegarmos a 700 candidatos", projeta Luana Carvalho, integrante do grupo de trabalho eleitoral do MST. A proposta de "ocupar o latifúndio institucional" também é uma reação à ofensiva ruralista no Congresso, com dezenas de projetos destinados a criminalizar os grupos que lutam por reforma agrária. Em nível local, avaliam lideranças dos sem-terra, é mais fácil conquistar a confiança do eleitorado, sobretudo nas cidades com assentamentos que abastecem a população com alimentos orgânicos e saudáveis.

Nas eleições de 2022, o MST fez um pequeno ensaio, ao lançar 15 candidatos. O resultado surpreendeu: foram eleitos dois deputados federais e quatro estaduais em diferentes estados. De acordo com Carvalho, a ideia de ingressar de forma mais expressiva no campo institucional deu-se após anos de debates e análises políticas que demonstraram um amadurecimento do movimento. "Não vamos abandonar a luta popular, a defesa pela reforma agrária, muito menos os nossos métodos. Mas entendemos que este é o momento de também ocupar os espaços institucionais." Os pré-candidatos vão concorrer filiados a partidos do campo progressista, como PT, PSOL, PCdoB, PDT e PSB. Em cada município serão definidas as alianças locais e a forma de financiamento de campanha, conforme a realidade local.

Além de avançar nos espaços legislativos e executivos, o movimento tem a expectativa de ampliar o debate com a sociedade. "É uma luta ideológica. Hoje, o agronegócio tem uma presença muito forte na Câmara dos Deputados e no Senado. O MST sempre teve aliados políticos no campo institucional, mas entendemos que só apoiá-los não é o suficiente", explica a dirigente. O movimento não lançará candidatos apenas nos estados do Amazonas, Acre e Amapá. O foco são principalmente os pequenos municípios, onde já há uma relação orgânica com a comunidade local, embora existam candidaturas previstas em grandes centros urbanos.

> **O movimento foca nos pequenos municípios, onde já há uma relação orgânica com a comunidade local**

Em Salvador, o MST tem experiência antiga no campo institucional e terá uma mulher como vice na disputa à prefeitura desta capital. Fabya Reis ingressou no movimento ainda na adolescência e dedicou toda a vida à luta pela reforma agrária. Pós-doutora em Ciências Sociais, foi convidada pelo próprio governador Jerônimo Rodrigues para compor a chapa com Geraldo Júnior, do MDB. "Não foi algo que se deu de um dia para o outro. Acumulamos experiência na luta e vimos que hoje é possível nos articularmos no campo institucional, com candidatos muito qualificados", afirma. Antes de aceitar a missão da disputa eleitoral, Reis era secretária de Assistência e Desenvolvimento Social do governo da Bahia, onde pôde identificar os problemas mais agudos que atingem a população soteropolitana. "Cerca de 30% das pessoas andam a pé porque faltam linhas de ônibus. A rede de educação infantil e pré-escola é incapaz de atender todas as crianças. Menos de 50% da população não tem acesso à estrutura de atenção primária de saúde", enumera a pré-candidata.

Nos municípios menores, alguns militantes do MST pretendem abrir caminho "na raça". É o caso de Paula Pereira, pré-candidata a vereadora em Campestre de Goiás, com menos de 4 mil habitantes e distante cerca de 50 quilômetros da capital Goiânia. Oriunda do Assentamento Canudos, a abranger três cidades, e presidente do Diretório Municipal do PT, a assistente social vai concorrer pela primeira vez a um cargo legislati-

PRISCILA RAMOS/MST

INÊS 249

Cálculo. Na plenária do movimento, foram apresentadas 300 pré-candidaturas, mas a expectativa é lançar mais que o dobro disso

vo. "Atualmente, dos nove vereadores, temos apenas uma mulher, e ela é bolsonarista. Não há nenhum petista na Câmara. Será um imenso desafio romper essa cerca, mas estou muito bem acompanhada de todos os meus companheiros e companheiras do movimento."

Pereira pretende mostrar aos eleitores que são os assentados e agricultores familiares que colocam a comida na mesa dos brasileiros, e não os latifundiários do agronegócio, focados na exportação de *commodities*. "A população hoje reconhece que a chegada do assentamento dinamizou a economia local. Apesar da violência do agro, que ainda é ao estilo da antigas milícias rurais, consolidamos uma relação amistosa com os moradores", afirma a candidata. "No assentamento, temos igrejas evangélicas e católicas. Promovemos festas populares, como a Folia de Reis. A prática de esportes, principalmente o futebol, constitui outro importante espaço de interação." Ainda sem saber se terá financiamento do fundo partidário, ela começou sua pré-campanha apenas com doações de amigos.

Os sem-terra não precisam trocar de figurino, avalia o publicitário Sidônio Palmeira, responsável pela campanha do presidente Lula em 2022. Durante a plenária do MST em Guararema, ele observou que o movimento quer conseguir amenizar o estigma de "invasores" e fazer com que artistas, intelectuais e boa parte da classe média tenha orgulho de usar o famoso boné do MST. O *rebranding*, nas palavras do marqueteiro, começou a partir do momento em que os sem-terra passaram a defender a produção de alimentos saudáveis e uma agenda em defesa da agroecologia. Isso fez o discurso chegar a setores variados da sociedade. Para ele, é com essas ferramentas que os pré-candidatos devem trabalhar nestas eleições.

É justamente essa a aposta de Emerson Giacomelli, pré-candidato a vereador pelo PT em Nova Santa Rita, no Rio Grande do Sul. Agricultor no Assentamento Capela, ele recorda com orgulho da trajetória familiar. "Terminei de me criar debaixo da lona preta", afirma, ao comentar que seus pais ingressaram no movimento em 1989, quando ele era adolescente. Após cinco anos de acampamento, a família finalmente recebeu a posse de um pequeno sítio, onde vive e produz alimentos até hoje. Na região, explica Giacomelli, o MST conquistou uma boa relação com a comunidade local através do trabalho em cooperativas e feiras onde vende sua produção. "Nosso assentamento é bem estruturado, temos escola, igreja e equipamentos de cultura. Isso nos ajuda a desenvolver uma boa interlocução." Ex-secretário de Agricultura do município gaúcho, ele desenvolveu programas de financiamento e incentivo à agricultura familiar e, agora, pretende fortalecer essa agenda na Câmara Municipal, além de defender as bandeiras da cultura, da mobilidade e do enfrenta-

"O MST sempre teve aliados políticos no campo institucional, mas entendemos que só apoiá-los não é o suficiente", explica dirigente sem-terra

Candidatas. Polliane Barbosa (*à esq.*) integra a candidatura coletiva "Elas por Marabá". Fabya Reis disputará a prefeitura de Salvador como vice. Paula Pereira tenta se eleger vereadora no interior de Goiás

JONAS SOUZA, RICARDO LIMA E ELAS POR MARABÁ/CANDIDATURA COLETIVA

mento à violência de gênero. "Esse ainda é um problema agudo no campo."

No outro extremo do País, em Marabá, ao sul do Pará, está a pré-candidata Polliane Soares Barbosa, que ingressou no MST aos 11 anos de idade, juntamente com a mãe, um dia após o Massacre de Eldorado dos Carajás, quando 19 militantes sem-terra foram assassinados numa emboscada policial. "Aquilo me despertou para a necessidade de lutar por justiça. Mesmo sendo uma criança à época, desde então me dedico à luta pela reforma agrária." A história de Polliane confunde-se com a de milhares de integrantes do movimento que, de origem muito pobre, só tiveram oportunidade de estudar nas escolas montadas pelo próprio MST. Hoje, ela é especialista em questão agrária amazônica e cursa o mestrado na mesma área na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, a Unifesspa.

Pelo PT, Barbosa aposta em uma candidatura coletiva. Ela e as companheiras Heidiany Moreno, do Sindicato dos Bancários, e Luciana Ferreira, do Sindicato do Comércio, formam a chapa "Elas por Marabá", cujas principais bandeiras são políticas públicas para as mulheres, combate à violência obstétrica, defesa dos trabalhadores do comércio, trabalho digno para a juventude, mobilidade urbana e, claro, a reforma agrária, "o melhor caminho para reduzir a fome e a miséria no campo", avalia. Com recursos do fundo partidário e dinheiro arrecadado por "amigos da campanha", o trio faz o trabalho de base de casa em casa, ouvindo a população. "Nossa agenda eleitoral foi construída totalmente a partir do processo de escuta."

No município fluminense de Campos dos Goitacazes, na Região dos Lagos, Mateus dos Santos assume o nome "Mateus do MST", para concorrer a uma cadeira na Câmara Municipal, também pelo PT. Filho de cortadores de cana que migraram de Alagoas em busca de vida melhor, passou a infância embaixo de uma lona às margens de uma grande fazenda improdutiva, até que a família conquistou um lote onde ele trabalha até hoje. "Fui uma criança acampada e depois assentada. Desde muito pequeno fui educado através das atividades lúdicas do MST, voltada à formação política infantil." Trata-se do "Movimento dos Sem Terrinha", do qual é um dos articuladores nacionais, aos 28 anos. Morador do assentamento Zumbi dos Palmares, fala com orgulho do "Sítio Brava Gente", como sua família batizou o lote recebido. "Meu pai foi alfabetizado pelo MST, e o livro *Brava Gente*, do João Pedro Stedile, foi o primeiro que ele leu."

Hoje estudante de Ciências Contábeis, Mateus do MST é um dos dirigentes estaduais do movimento. As principais bandeiras de sua campanha são reforma agrária, educação de qualidade no campo, políticas públicas para a juventude e combate ao racismo. "Campos dos Goitacazes concentra a maior base do MST do estado. Temos 15 assentamentos na região e isso nos dá chance de ampliar o diálogo com a população, principalmente através do debate pela alimentação saudável." •

Entregue ao obscurantismo

MEDICINA O CFM terá eleição em agosto, mas os negacionistas têm grandes chances de permanecer na direção da entidade

POR FABÍOLA MENDONÇA

Com o título "Fora PT na Medicina", um grupo de médicos assumidamente de direita assina um panfleto que circula pelas redes sociais convocando a categoria a rejeitar as chapas progressistas e votar nos candidatos conservadores para o Conselho Federal de Medicina. "Não vamos deixar que eles 'tomem' também essa eleição", prossegue o libelo, em aparente alusão à *fake news* bolsonarista de fraude na vitória eleitoral de Lula em 2022. Na outra ponta, em oposição à atual direção da entidade, claramente alinhada à extrema-direita, várias chapas apoiadas pelo Movimento Muda CFM apresentam-se como opção ao negacionismo e em defesa da ciência. Fica claro que a polarização no cenário político nacional está refletida no pleito, previsto para os dias 6 e 7 de agosto, quando os profissionais devem eleger 56 conselheiros para um mandato de cinco anos.

Cada estado terá dois representantes no CFM, um titular e um suplente. Outros dois assentos estão reservados à Associação Brasileira de Medicina. Apenas em Rondônia e Alagoas não haverá disputa, pois uma única chapa foi registrada em cada estado, com as candidaturas à reeleição do atual presidente do CFM, José Hiran da Silva Gallo, e do terceiro-vice-presidente, Emmanuel Fortes Silveira Cavalcanti, respectivamente. O acirramento maior será no Rio de Janeiro, onde cinco chapas brigam pelas duas vagas, quatro delas fruto de um racha do grupo que comanda o CFM e uma de oposição, a Pró-Médico. Uma das chapas da direita é encabeçada por Raphael Câmara, atual conselheiro do colegiado e ex-secretário de Atenção Primária à Saúde do Ministério da Saúde do governo Bolsonaro.

Durante a pandemia, assim como fez o próprio CFM, Câmara avalizou o *kit* para o "tratamento precoce" de Covid com cloroquina e ivermectina, sem comprovação científica da eficácia dos medicamentos contra o Coronavírus – na verdade, estudos provaram a ineficácia das substâncias e apontaram efeitos colaterais potencialmente graves em pacientes com quadro de insuficiência respiratória. Ele estava no cargo na época da crise de oxigênio no Amazonas, quando mais de 60 pacientes morreram em decorrência da falta do insumo e da letargia do governo no socorro ao estado.

Câmara também foi o relator de uma resolução do Conselho Regional de Medicina do Rio, que exigia boletim policial para o atendimento ao aborto legal em caso de estupro, medida adotada pelo Ministério da Saúde quando era assessor. O conselheiro é ainda coautor da resolução do CFM, aprovada em abril, que proibia o uso de assistolia fetal a partir da 22ª semana de gestação, embora o procedimento seja recomendado pela Organização Mundial da Saúde nos casos de abortos tardios. A

Kit Covid. Na pandemia, o órgão avalizou tratamentos ineficazes contra o Coronavírus

Coadjuvante. O presidente Hiran da Silva Gallo se uniu ao show de horrores promovido pela bancada fundamentalista no plenário do Senado Federal

medida foi suspensa pelo Supremo Tribunal Federal, mas ganhou sobrevida no PL 1940/2024, de autoria do deputado Sóstenes Cavalcante, a restabelecer a restrição e ainda impor uma pena de até 20 anos de prisão às mulheres que abortam após 22 semanas de gestação, mesmo que tenham sido vítimas de violência sexual.

O presidente do CFM é um ardoroso defensor da resolução. "Até que ponto a prática da assistolia fetal em gestação acima de 22 semanas traz benefício? Só causa malefício. Nesse campo, o direito à autonomia da mulher esbarra, sem dúvida, no dever constitucional imposto a todos nós de proteger a vida de qualquer um", discursou Gallo, na audiência pública que debateu, em junho, o PL 1940 no plenário do Senado, um show de horrores montado por parlamentares fundamentalistas, a incluir encenação de um feto agonizando no ventre materno e exibição de bonecos de borracha.

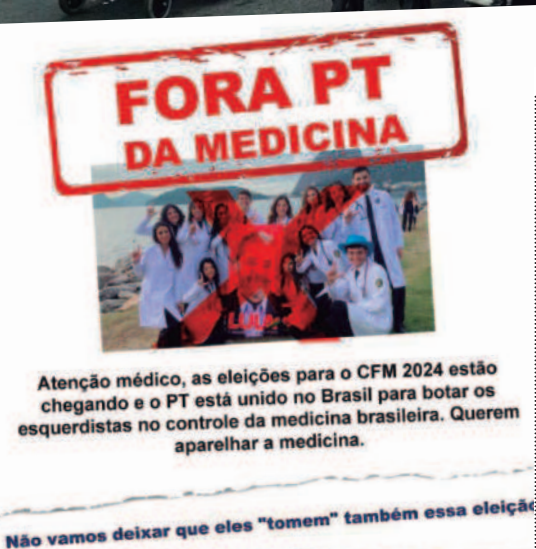
O presidente do CFM classifica como cruel o uso de assistolia fetal em gestações com mais de 22 semanas decorrentes de estupro, mas garante que o "CFM nunca teve como objetivo comprometer a oferta desse serviço em hospitais da rede pública". Ele também nega que o Conselho tenha participado do governo Bolsonaro ou qualquer outro e cita a autonomia médica para justificar a posição do Conselho sobre o uso do *kit* Covid. "Nunca, em nenhum momento, o CFM defendeu o uso de uma ou outra substância, e também não obrigou a sua utilização. O médico tem autonomia para prescrever e autonomia de não prescrever também. O paciente também tem a sua autonomia para exercer; ele pode acolher ou rejeitar."

Inspirado em resolução do Conselho, deputado propôs a proibição de abortos tardios, até mesmo para as vítimas de violência sexual

Não é bem assim, rebate o obstetra paraibano Roberto Maglia. "Com o aval da atual direção do CFM, o médico passou a prescrever um medicamento baseado em opinião política, a tomar decisão com relação ao aborto e outras situações baseado em convicções religiosas. Você pode ter a sua religião ou convicção política, mas o que a ciência entrega para a medicina não tem nada a ver com isso. Eu não posso operar um paciente ou adotar determinadas práticas baseado nas minhas crenças. Parte importante da diretoria do Conselho é simpatizante de Jair Bolsonaro e, evidentemente, isso contribuiu para uma condução da pandemia não baseada

GERALDO MAGELA/AG. SENADO E MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

Espelho dobrado. Os bolsonaristas do CFM restringiram o uso terapêutico do canabidiol por razões ideológicas, mas acusam o PT de "aparelhar a medicina"

REDES SOCIAIS E ISABELA VIEIRA/ABR

no conhecimento científico, e sim na ideologia política e na religião."

A tendência é de que a extrema-direita faça a maioria dos conselheiros federais, já que saiu vitoriosa nas eleições dos Conselhos Regionais, ocorridas no ano passado. Apenas no Distrito Federal a chapa progressista derrotou os conservadores. Muitos candidatos não disfarçam o alinhamento com teses fundamentalistas, como a Chapa 1 de Goiás, que tem entre suas propostas "proteger a vida desde a concepção" e acabar com o Mais Médicos, programa criado por Dilma Rousseff para suprir o déficit de profissionais em áreas remotas do País, inclusive por meio da contratação de estrangeiros, caso as vagas não sejam preenchidas pelos nacionais.

A médica Maria Tereza Camargo, diretora do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde, o Cebes, defende a total renovação do colegiado. "Não se trata de uma polarização ideológica, como eles colocam. A polarização é entre ciência e negacionismo, entre ética e antiética. Todo o esforço que se fez para o Brasil ter o nível de vacinação aceitável foi comprometido com o aval do CFM, que manifestou objeções à vacina da Covid. Isso trouxe reflexos na aceitação de outros imunizantes", critica Camargo, uma das coordenadoras do Movimento Muda CFM. "A poliomielite está batendo à porta, uma coisa que a gente já tinha erradicado nos anos 1990. Estamos brigando para eleger chapas pró-ciência."

Em 2018, logo após Bolsonaro derrotar o petista Fernando Haddad nas eleições presidenciais, Gallo publicou um texto afirmando que a esperança tinha vencido o medo. Em 2022, o CFM também baixou uma resolução restringindo o uso terapêutico do canabidiol, comprometendo a continuidade do tratamento de vários pacientes. "Assistimos, nos últimos anos, um claro alinhamento da atual direção do Conselho Federal e de alguns Conselhos Regionais a uma postura anti-ciência, sob a desculpa de defender a autonomia da classe médica, criando uma situação de polarização e de desgaste entre os profissionais do setor. Nesse momento de recuperação do SUS, de reabertura do Ministério da Saúde para a ciência, é importante que os médicos reflitam sobre a sua importância na sociedade como profissionais e como atores políticos", diz o médico sanitarista José Gomes Temporão, ex-ministro da Saúde. "Precisamos de um Conselho que esteja totalmente alinhado à ciência e completamente afastado das brigas político-partidárias."

Em janeiro, o CFM propôs a realização de uma pesquisa sobre a obrigatoriedade da vacinação contra a Covid-19 em crianças de 6 meses a 4 anos e 11 meses. Após a repercussão negativa, desistiu da consulta. Alguns conselheiros chegaram a apoiar o 8 de Janeiro, caso da segunda-vice-presidente Rosylane Rocha, que nas suas redes comemorou a invasão às sedes dos Três Poderes. Rocha é candidata à reeleição pelo Distrito Federal. "O Conselho Federal tem conduzido a nossa instituição de regulação da profissão de uma forma equivocada, enviesada, politizada e partidarizada, levando nossa categoria para o campo da direita", critica Ana Costa, médica sanitarista e diretora do Cebes. "Isso não traduz os interesses humanísticos, éticos e científicos da atuação médica." •

MARIA RITA KEHL

Psicanalista e escritora, foi integrante da Comissão Nacional da Verdade. É autora, entre outros, de *O Tempo e o Cão*, vencedor do Jabuti de 2010, e *Tempo Esquisito* (2023), ambos pela Boitempo

Terra sem lei

▶ No frenesi das redes sociais, a solidão e o ódio prevalecem, um fenômeno que Jacques Lacan ajuda a explicar mesmo sem ter conhecido esses dispositivos

Como é possível que um dispositivo de comunicação instantânea entre pessoas conhecidas ou não tenha se transformado em um inferno de intrigas e reputações destroçadas? Refiro-me ao WhatsApp, a única "rede social" (ou antissocial) que conheço melhor. Peço aos leitores que me perdoem pela falta de interesse pelas outras. Costumo usar o aplicativo de mensagens para falar com analisandos que moram em outras cidades e não podem vir ao consultório. Espero que não me considerem uma pessoa muito primitiva por só fazer uso dessa rede social em situações de trabalho ou em conversas com meus filhos, que moram fora de São Paulo. Posso me explicar.

Antes de me afastar das redes sociais, já tive experiências de fastio beirando a angústia por ficar muito tempo olhando a telinha sem resistir diante de cada postagem. Sim, elas são viciantes. Pela facilidade do acesso, pela diversidade de "informações" (90% irrelevantes, quando não perniciosas), as plataformas, que deveriam apenas facilitar a comunicação, tornaram-se uma terra sem lei, onde as pessoas postam desde mensagens de carinho e saudades até injúrias e difamações. Sem contar, é claro, com o tempo que passamos vendo cachorrinhos fofos e gatinhos irresistíveis – cujo poder de adicção cresce na mesma proporção da inevitável sensação de vazio que não entendem de onde vem.

Hoje, uso apenas o WhatsApp, e com muita moderação. Assim como vários entre vocês, leitores, não demorei muito a descobrir o poder viciante das redes sociais, com seu repertório infindável de informações verdadeiras ou falsas, de novidades interessantes ou não, de *pets* encantadores. Quem já não viu jovens andando pelas ruas com risco de sofrer algum acidente, porque não conseguem desviar a atenção do *smartphone*, absortos com cada bobagem que aparece por ali? Uma pessoa pode desperdiçar horas com os olhos fixos na telinha, dizendo a si mesma "vou ver só mais esta postagem", para em seguida não resistir à tentação de dar uma espiada na publicação seguinte, até se sentir deprimida ou irritada pelo excesso de passividade diante de "informações" quase sempre desinteressantes, que provocam no adicto das redes sociais um enorme sentimento de vazio.

A "atividade" à qual eles se entregam na tela do celular é, na verdade, uma forma de passividade. Então, para melhorar o tédio ou o mau humor (ou ambos) e tentar reverter essa passividade, nosso viciado começa a interagir com outros usuários das redes sociais, por vezes unindo-se aos linchamentos virtuais de pessoas que ele nem sabe quem são. O dispositivo que poderia dar ensejo a diálogos interessantes entre desconhecidos descamba, em pouco tempo, em uma arena de touradas, na qual o toureiro e o touro somos todos nós. Aí começa o adoecimento mental dos adictos das redes sociais.

O problema não pode ser menosprezado. Segundo o *Digital 2024: Global Overview Report*, publicado pela agência britânica We Are Social em parceria com a norueguesa Meltwater, o Brasil é o segundo país do mundo em que os usuários passam mais tempo *online*, com média de 9h13 diárias, atrás apenas da África do Sul, com 9h24. Boa parte desse tempo é dedicada ao trabalho, mas os indicadores de uso das redes sociais são igualmente superlativos. Os brasileiros gastam 3h37 por dia nessas plataformas, indicador que leva o País à terceira colocação no *ranking* mundial.

Estamos diante da formação de gerações que reduzem todo o tempo livre de suas vidas ao compartilhamento de imagens e frases que não foram criadas por elas. A capacidade de reflexão torna-se supérflua diante dos "acontecimentos" nos ambientes virtuais. "O que está rolando nas redes?", indagam-se os adictos, como se não houvesse vida fora das telas.

"Não acredito em pessoas, acredito em dispositivos", dizia o psicanalista francês Jacques Lacan (1901-1981). Dispositivos de violência acionam, entre os seus usuários, mais violência. Pessoas que, mesmo dentro da lei, andam armadas, um dia hão de fazer uso do dispositivo mortífero que está às suas ordens. O superego, essa instância psíquica que nos orienta a viver (bem ou mal) dentro das condições do laço social, instiga o sujeito a agir com violência. Por quê? Porque ele *pode*. Para o superego, se você *pode* fazer algo que o atrai, você *deve* fazê-lo.

Existe boa dose de sabedoria entre grafiteiros que escrevem nos muros da cidade. Por isso, em vez de investirmos na violência que gera violência, seria melhor usar as redes sociais inspirados nos ensinamentos de José Datrino (1917-1996), o Profeta Gentileza. Ele usava as pilastras do Viaduto do Caju, na região portuária do Rio de Janeiro, para passar sua mensagem. A mais conhecida delas espalhou-se por todo o País: "Gentileza gera gentileza". •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

INÊS 249

Futuro do passado

ANÁLISE O Novo Ensino Médio, mesmo alterado, tem o objetivo de restringir o avanço da educação

POR OTAVIANO HELENE*

É para manter tudo como sempre

No fim de setembro de 2016, o governo de Michel Temer apresentou a Medida Provisória 746, que provocou mudanças profundas nas diretrizes e bases da educação nacional. As alterações mais significativas foram no Ensino Médio. Tal MP, como é usual, era acompanhada de uma exposição de motivos, que listava uma série de problemas do Ensino Médio.

Entretanto, os problemas listados não eram os mais graves a afetar o Ensino Médio brasileiro e as propostas não eram nem são soluções para os reais problemas. O problema mais grave, o do financiamento, nem sequer foi lembrado. Ao apontar a existência de 13 disciplinas obrigatórias como um "problema" poderia levar alguém a imaginar que o número de horas de duração do Ensino Médio fosse aumentado. Nada disso: a duração foi reduzida para, no máximo, 1,8 mil horas e novas disciplinas surgiram. (Essas novas disciplinas eram coisas como "brigadeiro caseiro", "o que rola por aí" etc., o que ajudou a ridicularizar a lei.)

A redação da justificativa da MP afirmava que o tempo dedicado à "Base Nacional Comum Curricular não poderá ser superior a 1,8 mil horas do total da carga horária do Ensino Médio", deixando clara a intenção do governo: as escolas públicas não podem preparar adequadamente seus estudantes. Como uma lei pode limitar a carga horária a um máximo? Se um dos estados brasileiros desejar impulsionar seu desenvolvimento social e cultural e promover o crescimento econômico, tendo recursos para tal, com professores preparados e bem remunerados, não poderia, pois a lei proíbe aumentar e melhorar o Ensino Médio. Se uma escola tivesse disponibilidade de professores e seus estudantes estivessem motivados, ela, por lei, não poderia aumentar a carga horária.

Outra das justificativas da MP afirmava que uma pesquisa "evidenciou que os jovens de baixa renda não veem sentido no que a escola ensina". Nenhum lugar do texto apresentado como justificativa para a lei sugere onde estaria essa falta de sentido. Além disso, quem escreveu esse texto nem sequer cogitou a hipótese mais verossímil de que esse desacordo entre o que a escola ensina e a expectativa da juventude de baixa renda não está na escola, mas nas possibilidades que se oferecem a esses jovens. Ou seja, pretende-se reduzir a escola para se adaptar à vida daqueles com poucas perspectivas. Ora, fazer isso reduzirá ainda mais as perspectivas de quem tem baixa renda, e, no futuro, a escola deverá ser ainda mais reduzida para se adaptar a uma juventude com ainda menos perspectivas. Quem redigiu tal texto não atinou que o problema a ser superado é a falta de perspectivas dos jovens de baixa renda e a solução, obviamente, não é a piora do Ensino Médio.

> A pressão de alunos e professores foi insuficiente para alterar o escopo da lei no Congresso

Aquela MP, que, com poucas alterações, virou a Lei 13.415, em fevereiro de 2017, permite a criação de profissionais da educação por meio de um título de "notório saber", concedido pelos sistemas de ensino. Ou seja, professores sem preparo para tal. Os defensores dessa ideia argumentavam que tais educadores seriam apenas professores das disciplinas técnicas dos cursos técnicos. Um engenheiro poderia dar aulas das disci-

JOEL RODRIGUES/AGÊNCIA BRASÍLIA

IDH DA EDUCAÇÃO PAÍSES DA AMÉRICA DO SUL

País	IDH
Guiana	0,60
Paraguai	0,64
Colômbia	0,68
Suriname	0,68
Brasil	0,69
Bolívia	0,70
Equador	0,70
Venezuela	0,70
Peru	0,74
Uruguai	0,77
Chile	0,81
Argentina	0,86

plinas técnicas de um curso de eletrônica ou de edificações de nível médio. Ou profissionais com formação superior em áreas de saúde (como Enfermagem, Medicina, Psicologia etc.) poderiam dar aulas em disciplinas específicas dos cursos de técnicos de enfermagem. Mas essa interpretação não está correta. Na forma que está redigida, não é sequer exigido que os sujeitos a receber o tal "notório saber" tenham um curso superior, nem as disciplinas às quais se dedicariam estejam limitadas às disciplinas técnicas específicas.

Parece claro que essas limitações impostas ao Ensino Médio estão ligadas a uma emenda constitucional da mesma época, aquela do teto de gastos. Com tal emenda, claro, os diversos gastos governamentais deveriam ser reduzidos. Os do Ensino Médio também, por meio dessa lei.

Foi bastante difícil, na época, convencer uma porção da sociedade das consequências nefastas da lei, posteriormente apelidada de Novo Ensino Médio (NEM). Grande parte da população e enorme parte da mídia haviam defendido a derrubada da presidenta Dilma Rousseff: como acreditar que o governo que acabavam de avalizar pudesse ter uma proposta tão perversa? Muitos se negavam a aceitar o que a lei dizia com clareza: começava, talvez, o período recente dessa epidemia que levou à dissonância cognitiva tão comum atualmente. Foi graças à mobilização dos estudantes das escolas públicas, juntamente com a militância de professores e demais educadores, que a situação começou a mudar.

Infelizmente, as mudanças aprovadas foram apenas parciais. A ridícula definição de uma carga horária máxima foi alterada e a duração do Ensino Médio passou para, no mínimo 2,4 mil horas. Para aqueles que optarem pela formação técnica e profissional, o limite mínimo é inferior, de 2,1 mil horas. Também, infelizmente, as possibilidades de um educador com "notório saber" e várias outras limitações foram mantidas. A pressão popular foi insuficiente para alterar o balanço político no Senado e na Câmara dos Deputados.

O Brasil sempre esteve em uma posição intermediária no que diz respeito aos indicadores educacionais entre os países da América do Sul. A componente educacional do Índice de Desenvolvimento Humano, indicador que combina o número de anos de estudo da população adulta com o número médio de anos de estudo oferecido a cada momento pelo sistema escolar, mostra bem isso. A nova versão do NEM agora aprovada, mesmo que importantes vetos sejam impostos, vai garantir que, na melhor das hipóteses, continuemos em uma posição intermediária.

Não se deveria fazer uma lei para limitar ou restringir a educação de um país. As gerações futuras pagarão caro. •

**Professor no Instituto de Física da USP e ex-presidente do Inep.*

Inimigo público

INFLAÇÃO Diante da inação do BC ao ataque especulativo contra o real, o governo foca no aumento da produção de alimentos

POR CARLOS DRUMMOND

A alta da inflação de junho, de apenas 0,21%, diante da elevação de 0,46% em maio e da variação projetada pelo mercado, de 0,35%, é animadora. Confirma um percurso de baixa do índice entre 2022 e 2023, em especial no que se refere aos preços dos alimentos. Um fato econômico com significado político relevante, a julgar pelo resultado de pesquisas recentes de avaliação do governo. Os levantamentos sugerem uma correlação entre o aumento do apoio popular ao terceiro mandato do presidente Lula e a queda expressiva da inflação para os mais pobres, com renda até 2 salários mínimos. Era de 6% um ano e meio atrás, passou a 3,2% em maio deste ano.

Em que pesem as seguidas declarações alarmistas do presidente do BC, Roberto Campos Neto, sobre o risco fiscal e seu efeito inflacionário, a economia vai bem e a inflação não inspira preocupações excessivas. "Ao longo do último trimestre, os dados de inflação ao consumidor mostram que, apesar do aumento mais expressivo dos preços na margem, o processo de desinflação na economia brasileira segue em curso", escrevem Maria Andréia P. Lameiras e Marcelo Lima de Moraes em informe do Ipea.

Em maio, prosseguem os economistas, após sete quedas consecutivas, a inflação acumulada em 12 meses, medida pelo IPCA, voltou a acelerar, registrando taxa de 3,93%, em consequência, principalmente, de alta mais forte dos preços de alimentos. Eles destacam, porém, que metade da inflação de 0,66% na alimentação em domicílio, apontada no IPCA em maio, deve-se ao aumento de 3,6% dos alimentos registrado em Porto Alegre, em consequência das enchentes no Rio Grande do Sul. Lameiras e Moraes sublinham, porém, que, apesar da aceleração prevista da inflação ao consumidor em 12 meses, a perspectiva de redução se mantém.

A principal explicação para o resultado surpreendente da inflação medida pelo IPCA em junho é o comportamento dos preços dos alimentos, mesmo diante da ausência de estoques reguladores, do problema no Rio Grande do Sul, dos leilões de arroz que não deram certo, do aumento da renda e do consumo, da agricultura familiar que ainda não deslanchou. "A inflação neste mês ficou muito próxima da meta estabelecida e das bandas da meta inflacionária. Não necessariamente aponta, contudo, uma trajetória de desaceleração. Acho que pode ser um efeito sazonal", ressalta o economista Saulo Abouchedid, professor da Facamp.

> **O Banco Central brasileiro só ouve o mercado financeiro, o dos EUA também consulta sindicatos de empresários e trabalhadores**

É preciso considerar, prossegue, não só o efeito da alta súbita do dólar na inflação do País, que se estenderá aos próximos meses, mas também os preços das *commodities*. Segundo o portal Trading Economics, os valores da soja e do milho registram queda desde o início do ano.

O efeito imediato projetado das en-

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 34
Turismo. A Estrela Vermelha oferece roteiros por países do antigo bloco comunista

chentes no Rio Grande do Sul foi superdimensionado, aponta o professor da Facamp, e pode refletir-se ainda nos próximos meses. Quanto ao IPCA, a baixa parece ser mais um movimento específico, particular, do que uma tendência de desaceleração, porque alguns fatores, como a elevação dos preços dos combustíveis pela Petrobras, tendem a pressionar o nível de preços no próximo semestre.

"Há vários sinais diferentes em relação à inflação. O mais preocupante é que a análise do BC, que seria o condutor das expectativas inflacionárias, acaba se concentrando principalmente no debate fiscal, em lugar de endereçar políticas contra a inflação tendo em vista as causas específicas", sublinha Abouchedid. A autoridade monetária presta ainda um desserviço ao simplificar a visão sobre a inflação, reduzindo-a a um subproduto

Ação e reação. O Plano Safra e a redistribuição do plantio de arroz tende a tornar a oferta mais estável. Campos Neto continua a semear instabilidade no mercado

RENATO LUIZ FERREIRA E RAPHAEL RIBEIRO/BCB

da situação fiscal, e isso dificulta a compreensão ampla, por parte da sociedade, de um fenômeno complexo com várias facetas, aponta o professor.

O relatório de inflação de junho do Banco Central contém uma análise "muito tímida" em relação ao crédito e ao consumo. O ritmo de queda da taxa Selic diminuiu e agora paralisou. O BC não aponta, porém, qual é o efeito disso sobre o crédito, o saldo de crédito, o nível de endividamento das famílias, apesar de isso ser importante também para a política monetária, nem informa quais políticas creditícias poderiam ser adotadas para enfrentar o problema, dispara o economista.

No relatório, o BC analisa também o câmbio, mas não aborda o *overshooting*, ou variação fora do padrão, da taxa de câmbio. Nas últimas semanas, não só a moeda brasileira, mas também outras moedas periféricas e emergentes se desvalorizaram em relação ao dólar. No Brasil houve, no entanto, um movimento especulativo que fez com que o real se desvalorizasse mais do que as outras. "Por que o BC não agiu para refrear esse movimento? Qual foi o efeito de não ter atuado? Qual é o impacto desse salto na taxa de câmbio sobre os preços? Campos Neto deveria justificar. Por que o BC não interveio no mercado de câmbio no momento da disparada, pensando no efeito inflacionário? Isso deveria constar no relatório de inflação", insiste o professor da Facamp.

As lacunas e omissões reforçam a impressão de que o BC orienta a sua análise da inflação para justificar o comportamento assumido em relação à política monetária. "Há uma tentativa de articulação entre a sua condução da política monetária e a sua análise da inflação. Ele usa o relatório para justificar seu comportamento", reforça Abouchedid.

O discurso de que é preciso ter uma autoridade monetária em um pedestal, em uma torre de marfim, sem influência dos governos que gastam, para poder controlar a política monetária e o comportamento dos preços é enganoso, não faz sentido quando se considera a história, destacou a economista Leda Paulani, professora titular da USP, em debate do Instituto para Reforma das Relações entre Estado e Empresa, o IREE.

Balanço. O impacto da tragédia gaúcha na produção agrícola foi superestimado. A desoneração da carne aumenta o acesso à proteína animal e ao lucro dos pecuaristas

A lei de autonomia do BC, acrescentou a economista, estabelece como suas funções monitorar ou preservar a estabilidade e o valor da moeda nacional, preservar o emprego e o crescimento do Produto Interno Bruto, entre outros objetivos. Como entidade pública, o BC teria de atuar no sentido de "remar junto" com a economia do País. Sendo autônomo no sentido definido na lei, ele pode, contudo, fazer o contrário.

O relatório de inflação do BC contém uma análise tímida em relação a crédito e câmbio

"Hoje, neste momento de muita especulação, de muitas nuvens que se formaram de caso pensado, pelo atual presidente do BC, para criar um tumulto, uma confusão, para ter argumentos para não reduzir mais as taxas de juro, desqualificar diretores que foram indicados no governo atual, tudo isso mostra como é complicada essa lei", observa Paulani.

A economista menciona a presença de Campos Neto em um evento organizado em junho pelo governador de São Paulo, quando teria aceitado a possibilidade de ser ministro no caso de Tarcísio de Freitas ser eleito presidente no futu-

ISTOCKPHOTO E LAURO ALVES/GOVRS

ro. Na ocasião, assistiu a uma apresentação de técnicos do IBGE que apontava a trajetória de queda da inflação. "Com a maior desfaçatez do mundo, reconheceu que isso era bom, mas acrescentou que as expectativas estão piorando. Quer dizer, ele joga isso, o mercado ouve, repercute, e depois ele diz que não pode baixar os juros porque o mercado está dizendo que as expectativas pioraram. Só que o mercado diz isso porque ouviu dele", dispara Paulani. O BC do Brasil, ao contrário do Fed, dos EUA, consulta apenas o mercado financeiro para determinar quanto deverá ser a taxa de juros, enquanto o Banco Central estadunidense ouve sindicatos de indústrias e de trabalhadores e outras instituições. "Aqui, não, fica uma conversa de compadres", lamenta a professora.

Para Guilherme Mello, secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, no curto prazo há uma trajetória benigna. A inflação tem caído desde 2022 e neste ano deverá ser menor que no ano passado, quando houve uma deflação muito forte de alimentos. Em 2024, sublinha Mello, não haverá a mesma deflação, mas é natural, há diversos motivos para isso, em particular em relação a alimentos. Os preços externos e a taxa de câmbio importam, obviamente, e eventos climáticos extremos também, por afetarem a produtividade e o volume de produção dos alimentos.

De acordo com o secretário, o governo está tomando todas as ações para garantir um crescimento na produção de alimentos no Brasil. O Plano Safra está reforçado, com agricultura familiar contemplada e taxas de juro bem baixas para a produção de alimentos e itens que frequentam a mesa do brasileiro. Há também uma perspectiva positiva do ponto de vista da produção de alguns alimentos na próxima safra. "Não acho que tenhamos problemas claros ou facilmente identificáveis nesse próximo ano. Isso não impede, claro, que um evento climático extremo, como uma seca, ou excesso de chuva, impacte os preços de alguns alimentos. Houve aumento de preços de certos alimentos no início do ano, mas já está em parte se revertendo. O cenário é positivo, temos uma série de medidas para garantir que a produção e o abastecimento sejam suficientes para dar conta da demanda, e isso ajuda, evidentemente, na perspectiva de inflação a médio e longo prazo."

Mello acrescenta que é muito difícil fazer essas projeções, porque há vários fatores que podem pressionar os preços para cima ou para baixo. O câmbio, que tinha subido muito, já baixou um pouco, o que ajuda, porque muitos produtos, inclusive alimentícios, são importados e isso tem impacto evidente no IPCA. O câmbio, no caso brasileiro, talvez seja um dos fatores mais importantes para entender a dinâmica inflacionária e o fato de ele estar voltando, retornando ao patamar mais próximo daquele em que estava em abril, parece ser um bom sinal de que não teremos maiores pressões inflacionárias nem para este nem para o próximo ano.

Destinos camaradas

TURISMO A Estrela Vermelha oferece roteiros por países do antigo bloco comunista e outros circuitos "de esquerda"

POR ALLAN RAVAGNANI

Rodrigo Ianhez iniciou a faculdade de História em São Paulo, mas se mudou para Moscou, na Rússia, para concluir a graduação. Ficou por lá e se especializou em História da União Soviética. Cauê Araújo é cearense, mora no Recife e é formado em Biblioteconomia. Os dois se conheceram em São Paulo, em eventos políticos. E sempre tiveram algo em comum: o gosto por viagens e a paixão pelo marxismo. Após uma tentativa frustrada de visitar o Irã, em 2022, Guimarães mudou a rota e combinou um encontro na Geórgia com o amigo que estava em Moscou. Ianhez, assentado há mais de dez anos no Leste Europeu, trabalha como guia de turismo e conhece bem a região. Depois de 15 dias entre a Geórgia e a Armênia, surgiu a ideia: por que não criar uma agência de viagens focada em destinos que fizeram parte do bloco socialista ou que possuem alguma ligação com a esquerda? Nascia assim a Estrela Vermelha, especializada em roteiros socialistas.

Os pacotes da Estrela Vermelha permitem aos viajantes explorar a história do socialismo em diversos países. As viagens incluem guias em português e são planejadas para grupos de até 15 clientes. "Nosso objetivo é proporcionar uma experiência enriquecedora para os viajantes. Abraçamos a cultura e a descoberta como pilares fundamentais, permitindo que os nossos clientes explorem os destinos", afirmou Ianhez, direto do Azerbaijão. A agência funciona de forma *online* e fornece consultoria completa sobre os roteiros oferecidos. Os circuitos são direcionados a simpatizantes do socialismo e a quem tenha um pensamento de esquerda, de forma geral, e os pacotes incluem hospedagem, transporte e entrada para museus e pontos turísticos. Um dos mais procurados é a expedição de 25 dias pela Rota Transiberiana, que cruza a Rússia, de Moscou a Vladivostok, na Sibéria, ao longo de mais de 9 mil quilômetros e sete fusos horários. Inhaez fez o roteiro três vezes e será o guia de um grupo de mais de 15 brasileiros em setembro. "Este já está lotado, fechamos um vagão inteiro só com turistas nossos."

> "Há uma curiosidade muito grande por parte dos turistas em relação a esse período", diz Rodrigo Ianhez, um dos sócios

Com sua experiência de guia de turismo na Rússia, Ianhez viu a demanda crescente por roteiros que explorassem a história da União Soviética e de outros países socialistas. "Há uma curiosidade muito grande por parte dos turistas em relação a esse período, e essa demanda era pouco atendida, até mesmo pelos russos", comenta. Sobre o negócio, os sócios esperam um crescimento orgânico ao longo dos próximos anos, enquanto ganham terreno e visibilidade nesse mercado.

A primeira rota da Estrela Vermelha passou pela Geórgia e Armênia, a mesma na qual os amigos amadureceram a ideia da agência. A viagem incluiu visita ao Museu de Stalin, em Gori, cidade natal do ditador soviético, e incursões às regiões vinícolas da Geórgia. "Lá é um dos berços da vinicultura mundial, existem registros de mais de 8 mil anos de cultivo de uvas e pro-

Viajantes, uni-vos. Ianhez e Araújo tiveram a ideia durante uma viagem à Geórgia. A clássica visita ao Mausoléu de Lenin faz parte do roteiro na Rússia

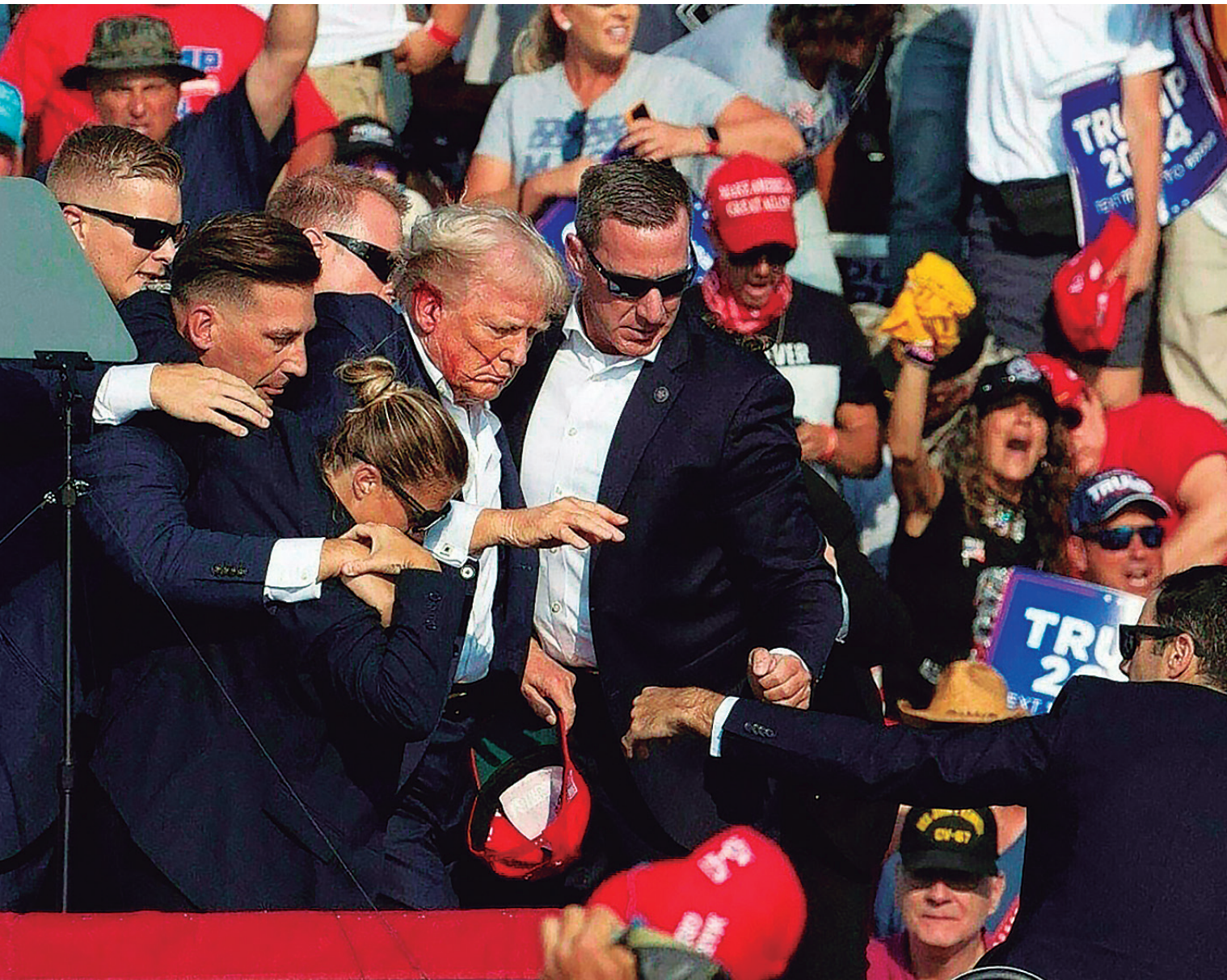
ACERVO/ESTRELA VERMELHA AGÊNCIA DE VIAGENS E ISTOCKPHOTO

dução de vinhos", explica Inhaez. A agência também oferece pacotes para destinos como Alemanha, na parte oriental, Cuba, Rússia e China, com visitas a locais históricos da Revolução Chinesa e atrações como a Casa de Mao Tsé-tung e o Parque Nacional de Zhangjiajie. A Estrela Vermelha planeja ainda pacotes para o Vietnã e a Coreia do Norte, na expectativa de que seja a primeira agência brasileira a operar nesse país. "Estamos em contato com a agência local coreana e, assim que reabrirem totalmente para o turismo, iniciaremos as operações", adianta Ianhez.

Os pacotes da Estrela Vermelha são planejados com detalhes, da hospedagem em hotéis de 3 a 5 estrelas e à inclusão de especialistas que enriquecem a experiência dos viajantes. No roteiro para o Irã, em outubro deste ano, o professor e influenciador digital Jones Manoel será o convidado especial, proporcionando uma visão aprofundada sobre a história e a conjuntura política do país.

Desde seu primeiro destino, a agência realizou diversas viagens para cinco países em três continentes, levando viajantes para visitar 42 cidades e 13 patrimônios universais reconhecidos pela Unesco. Os sócios também têm o cuidado de elaborar o roteiro em ocasiões especiais. A viagem para Cuba, em janeiro de 2025, vai coincidir com o aniversário de José Martí, intelectual e um dos heróis da independência do país. Para a Rússia, eles aproveitam o mês de maio, quando é celebrado o dia da vitória do Exército Vermelho contra os nazistas em 1945.

Para evitar os efeitos da flutuação cambial, os sócios estabeleceram os preços dos pacotes em euros, pois a maioria das operações e contratações de serviços é feita fora do Brasil. O próximo roteiro do grupo, neste mês, para Armênia e Geórgia, custa 1.799 euros (cerca de 10 mil reais), dura 17 dias e inclui hospedagem e traslados. O trajeto em agosto, para Rússia e Bielorrússia, sairá por 2.299 euros (cerca de 13 mil reais) durante 17 dias e 16 noites. No caso do Irã, em outubro, os 15 dias custam 2.359 euros por cabeça e, na China, em novembro, 2.699 euros para 15 dias na terra de Mao. Viajar por 25 dias pela Transiberiana custa 2.799 euros, e o mais popular destino, Cuba, 1.699 euros por 12 dias na ilha. As viagens podem ser parceladas em até seis vezes sem juros.

A Estrela Vermelha não se responsabiliza pelas passagens aéreas ou pelo seguro viagem, mas recomenda as boas companhias e os melhores voos. Também oferece orientação para obtenção de vistos, traslados internos e guias de viagem. Segundo os fundadores, a agência busca consolidar-se como uma referência no turismo alternativo, focado na exploração histórica e política de destinos que foram parte do bloco socialista. Com quase um ano de operação, conquistou um público fiel e crescente, com muitos clientes em busca de novos roteiros. •

Nasce um mártir?

EUA É incerto o efeito eleitoral do atentado contra Donald Trump. O republicano, rei do discurso de ódio, agora fala em "unir o país"

POR CLARISSA CARVALHAES, DE NOVA YORK

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 42
The Observer.
O envelhecimento da população é outro desafio para Cuba

Por um triz. Crooks, de 20 anos, foi morto pelos seguranças. A bala raspou a orelha de Trump, mas acertou um bombeiro na plateia

A política nos Estados Unidos é tradicionalmente violenta. Ao longo da história do país, quatro presidentes foram assassinados. Ao todo, nove mandatários ou ex-mandatários tornaram-se alvos de atiradores. No sábado 13, durante um comício na Pensilvânia, Donald Trump entrou para esse grupo. A bala disparada de um AR-15, um rifle popular nas lojas de armas, roçou a orelha do republicano, matou um bombeiro presente no evento com a família e feriu outros dois eleitores. Ainda não está clara a motivação de Thomas Matthew Crooks, de 20 anos, jovem tímido sem histórico de militância política, apesar de filiado ao partido de Trump e de ter doado 15 dólares a uma causa progressista em 2021. Morto pelos seguranças, Crooks levou seu ímpeto para o túmulo.

Também é incerto o efeito do atentado sobre a dinâmica eleitoral. Pesquisa do instituto Ipsos realizada nos três dias posteriores ao episódio na Pensilvânia aponta um empate técnico entre Trump, 43%, e o atual presidente e candidato à reeleição, Joe Biden, 41%.

A margem de erro é de 3 pontos percentuais. O resultado está em linha com outros dois levantamentos quase simultâneos. Na enquete da Fox News, a vantagem do ex-presidente é ainda menor: 49% a 48%. Os dados da CBS apontam 50% a 48%. Nada diferente dos últimos meses. De qualquer maneira, o republicano não só ganhou a oportunidade de explorar uma das fotografias mais icônicas de uma campanha norte-americana há décadas – rosto ensanguentado, punho cerrado, como um herói invulnerável –, mas tem a chance de modular o discurso, pregar a união nacional e diminuir a resistência de parte do eleitorado que o considera um perigo à democracia. Veremos se uma imagem vale mais que mil palavras. Mais: saberemos se a concorrência será capaz de enfrentar um mártir.

Não por menos, em um intervalo de dois dias, Biden fez quatro pronunciamentos oficiais e concedeu uma entrevista a respeito. Na segunda-feira 16, o presidente, ao vivo na rede de televisão NBC News, pediu desculpas por ter dito que era hora de colocar o adversário no “alvo”. “Quis dizer focar nele, focar no que ele está fazendo. Concentrar-se em suas políticas, concentrar-se no número de mentiras que ele contou no debate”, justificou. O democrata lembrou, no entanto, os ataques a políticos do seu partido, entre eles a agressão ao marido da ex-presidente da Câmara Nancy Pelosi, tratada como chacota por Trump e filhos. “A violência nunca foi a resposta, seja com integrantes do Congresso de ambas as legendas sendo alvos do tiro, ou uma multidão violenta atacando o Capitólio em 6 de janeiro (...) não há lugar na América para esse tipo de violência ou para qualquer violência. Ponto final. Sem exceções. Não podemos permitir que essa violência seja normalizada. Nós debatemos e discordamos. O poder de mudar a América deve sempre estar nas mãos do povo, não nas mãos de um assassino em potencial”, acrescentou.

> As primeiras pesquisas pós-ataque **não captaram nenhuma alteração significativa** na corrida presidencial

Horas após o ataque, em relato na rede social Truth Social, Trump disse que uma bala havia perfurado a parte superior de sua orelha direita. “Soube imediatamente que algo estava errado, pois ouvi um som de assobio, tiros e imediatamente senti a bala rasgando a pele. Houve muito sangramento, então eu percebi o que estava acontecendo.” Vinda de quem veio, de um político que faz do discurso do ódio um estilo de vida e um trunfo eleitoral, a surpresa diante da violência convence menos. “É incrível que um ato como esse possa ter lugar no nosso país”, declarou.

Barack Obama foi o primeiro democrata a prestar solidariedade ao ex-presidente, antes mesmo de Biden, que telefonou para Trump ainda no sábado 13. Ao candidato presidencial independente Robert Kennedy Jr., Trump descreveu o telefonema com o adversário. “Ele é interessante, ele foi muito legal, na verdade. Ele me ligou e perguntou: ‘Como você escolheu mover-se para a direita?’.” Na ligação com Kennedy Jr., o ex-presidente confessou ainda ter ficado surpreso por ter sido baleado por um AR-15, rifle de uso militar cuja venda a civis Biden tenta, sem sucesso, restringir.

Na segunda-feira 15, durante a Convenção Nacional Republicana, em Milwaukee, Donald Trump Junior disse em entrevista à rede de televisão CNN que o pai não se baseia em conselheiros e fontes políticas, mas no que “a multidão

AFP E REBECCA DROKE/AFP

Mito. Os devotados apoiadores receberam Trump como um semideus na convenção republicana em Milwaukee

diz a ele". "Eu estava no escritório quando eles estavam trabalhando durante horas no discurso a ser feito na Convenção na quinta-feira 18, mas acho que (*depois do ataque*) eles começaram do zero, com uma mensagem diferente: 'Vamos tentar unir este país'. E eu acho que esse tipo de momento é simplesmente chocante porque realmente mudou tudo. Acho que até a mentalidade dele é algo como 'o que precisamos fazer para substituir tudo?' Acho que todos nós entendemos que vamos diminuir o tom e manter uma mensagem diferente. Isso será importante para nós avançarmos como país."

Em entrevista a caminho de Milwaukee, Trump disse que planejava transmitir uma mensagem de união. "O discurso que eu ia fazer na quinta-feira seria um sucesso, mas, sinceramente, vai ser um discurso totalmente diferente agora. É uma chance de unir o país. Essa chance me foi dada", afirmou. Ele também lembrou do comportamento do público presente no comício durante o atentado. "A energia vinda das pessoas ali naquele momento, elas simplesmente ficaram ali. É difícil descrever como foi a sensação, mas eu sabia que o mundo estava olhando. Eu sabia que a história julgaria isso."

Conscientes de que qualquer palavra ou ato fora do tom pode colocar em risco a chance de eleição de Trump, os gerentes da campanha republicana elaboraram um memorando após o atentado. O documento pede prudência a toda equipe em qualquer manifestação pública e solicita distanciamento de "retóricas perigosas e controversas" nas redes sociais. "Condenamos todas as formas de violência e não toleraremos retórica perigosa nas mídias sociais", diz o texto.

Sobreviver ao atentado não foi a única vitória de Trump na semana. Em decisão surpreendente, a juíza Aileen M. Cannon, nomeada pelo republicano em 2019, rejeitou as acusações contra o ex-presidente no caso dos documentos confidenciais surrupiados dos arquivos presidenciais e escondidos em Mar-a-Lago. O parecer, tornado público na segunda-feira 15, apega-se a um detalhe formal do processo: a nomeação do promotor Jack Smith como conselheiro especial teria sido imprópria por não se basear em um estatuto federal específico e por ele não ter sido nomeado pela Casa Branca ou confirmado pelo Senado. O gabinete da promotoria promete apelar da decisão.

Até lá Trump segue embalado pela superexposição. No primeiro dia da convenção republicana em Milwaukee, o empresário foi confirmado como candidato do partido e anunciou o vice na chapa, o senador J.D. Vance, de 39 anos. Autor do livro de memórias *Hillbilly Elegy*,

Elegia Caipira em tradução literal, mas lançado no Brasil com o cafona título de *Era Uma Vez Um Sonho, best seller* que supostamente interpreta a América branca, profunda e ressentida, Vance passou de crítico do ex-presidente, a quem chamou no passado de "Hitler", a um *minion* ávido por ser moldado à imagem e semelhança do chefe. A escolha, calculam os estrategistas da legenda, aumenta a chance de Trump em três estados decisivos, Pensilvânia, Michigan e Wisconsin. Em 2016, quando foi eleito, o republicano venceu nos três estados. Em 2020, perdeu para Biden em todos.

Vance, afirmou o cabeça de chapa, "teve uma carreira empresarial de muito sucesso em tecnologia e finanças, e agora, durante a campanha, estará fortemente focado nas pessoas pelas quais ele lutou tão brilhantemente, os trabalhadores e agricultores americanos na Pensilvânia, Michigan, Wisconsin, Ohio, Minnesota e muito além". Filho dos Apalaches, o senador é casado e tem três filhos. Cresceu em um bairro pobre da classe operária em Ohio e concorreu ao primeiro cargo eletivo em 2022. Tornou-se uma das vozes antiaborto mais histriônicas no Senado, aonde chegou em 2023. O ex-presidente, não é segredo, odeia os críticos, mas não resiste a histórias de redenção. Quando Trump entrou na cena política, em 2016, Vance o classificou de "opioide das massas", além de compará-lo a Hitler. Desde então, foram incontáveis os pedidos públicos de desculpas. O senador justifica: foi manipulado pela mídia.

Biden continua a resistir aos apelos para desistir da reeleição

Ao contrário de Marco Rubio, senador pela Flórida e chamariz para eleitores latinos, ou do governador Doug Burgum, de Dakota do Norte, badalado entre empresários, Vance abre a Trump um novo canal de diálogo com a classe trabalhadora. Ao escolhê-lo, o ex-presidente não só unge um "São Paulo trumpista". Também garante o controle futuro do partido, transformado em uma espécie de extensão do conglomerado empresarial-ideológico do homem do topete.

Com o adversário a ocupar todos os holofotes, Biden teve, ao menos, dias de trégua. A maioria dos eleitores e dos aliados esqueceram por ora o desastroso debate na CNN em 27 de julho. Os apelos pela substituição do atual presidente por outro candidato, cada vez mais intensos entre correligionários, apoiadores e financiadores, ficaram em segundo plano. O democrata faz ouvidos moucos e, assim que a poeira do atentado baixar, espera do partido a confirmação oficial de seu nome. A vice-presidente, Kamala Harris, corre por fora, mas mantém a lealdade ao parceiro.

Após o anúncio da escolha por Vance, o coordenador da campanha de reeleição de Biden, Jen O'Malley Dillon, disse em um comunicado que o senador "fará o que Mike Pence não faria em 6 de janeiro, se dobrará para trás para permitir Trump e sua agenda extrema MAGA, mesmo que isso signifique quebrar a lei e não importa o dano ao povo americano". É na questão do aborto que os democratas consideram, no entanto, ter maior vantagem, por ser essa uma das maiores vulnerabilidades do oponente, sobretudo ao escolher Vance para compor a chapa. Seja como for, todas as recentes reviravoltas da política norte-americana apenas reforçam a imprevisibilidade da corrida à Casa Branca. Não faz muito tempo, houve quem apostasse que a condenação de Trump por falsificar registos comerciais para encobrir um escândalo sexual comprometeria seu futuro político. Engano. Na mais decisiva eleição do império, três meses e meio parecem uma eternidade. O mundo espera, ansioso, os próximos capítulos. •

Conversão. Antigo crítico, o senador Vance abraçou a "religião trumpista" e levou a vaga de vice

GAGE SKIDMORE E LEON NEAL/AFP

Entre Lincoln e Trump

HISTÓRIA Apenas o Estado, fundado na lei, pode proteger a sociedade dos que visam impor o terror privado

POR LUIZ GONZAGA BELLUZZO

O tiro que raspou a orelha de Donald Trump em um comício na Pensilvânia foi tão somente mais um entre tantos que vitimaram presidentes e políticos americanos ao longo da história. Não vou aborrecer os leitores com a lista de mortos e sobreviventes.

Depois do tiroteio, o festival de manifestações espargido nas mídias despertou em minha memória o atentado perpetrado contra Abraham Lincoln, em 14 de abril de 1865. Lincoln iniciava seu segundo mandato presidencial e foi morto no teatro por um tiro na cabeça disparado pelo ator John Wilkes Booth.

Booth, um fanático partidário da Confederação Sulista e escravocrata convicto, estava presente na cerimônia pública oferecida ao presidente Lincoln para pronunciar o discurso inaugural de seu segundo mandato, em 4 de março de 1865.

Booth conspirava há tempos para organizar um grupo de sulistas empenhados em assassinar Abraham Lincoln. As palavras antiescravagistas de Lincoln no discurso inaugural instigaram ainda mais a rejeição do ator Booth ao presidente.

Poucos se recordam da carta escrita por Karl Marx a Abraham Lincoln às vésperas da inauguração do segundo mandato do líder da Revolução Antiescravagista. Vou oferecer essa preciosidade aos leitores de *CartaCapital*:

"Senhor: Parabenizamos o povo americano por sua reeleição por uma grande maioria. Se a resistência ao Poder Escravocrata foi a palavra de ordem de sua primeira eleição, o grito de guerra triunfante de sua reeleição é Morte à Escravidão.

"Desde o início da titânica luta americana, os trabalhadores da Europa sentiram instintivamente que a bandeira estrelada carregava o destino de sua classe. A disputa pelos territórios que abriu a terrível epopeia (a Guerra Civil), não era decidir se o solo virgem de imensas extensões deveria ser casado com o trabalho do emigrante ou prostituído pelo traficante de escravos? Quando uma oligarquia de 300.000 proprietários de escravos ousou inscrever, pela primeira vez nos anais do mundo, a 'escravidão' na bandeira da Confederação, quando nos mesmos lugares onde há apenas um século a ideia de uma grande República Democrática havia surgido pela primeira vez, quando a primeira Declaração dos Direitos do Homem (a Declaração de Independência) foi emitida, e o primeiro impulso dado à revolução europeia do século XVIII (a Revolução Francesa); quando, nesses mesmos pontos, a contrarrevolução, com rigor sistemático, se gloriava em rescindir 'as ideias entretidas na época da formação da velha Constituição' e sustentava a escravidão como 'uma instituição benéfica', na verdade, a velha solução do grande problema da 'relação do capital com o trabalho', e cinicamente proclamava a propriedade do homem 'a pedra angular do novo edifício' – então as classes trabalhadoras da Europa entenderam imediatamente, mesmo antes que o partidarismo fanático das classes altas pela pequena nobreza confederada tivesse dado seu triste aviso, de que a rebelião dos proprietários de escravos deveria soar o toque para uma cruzada santa geral de propriedade contra o trabalho, e que para os homens do trabalho, com suas esperanças para o futuro, até mesmo suas conquistas passadas estavam em jogo naquele tremendo conflito do outro lado do Atlântico. Em todos os lugares, eles suportaram pacientemente as dificuldades impostas a eles pela crise do algodão, opuseram-se entusiasticamente à intervenção escravista de seus superiores – e, da maior parte da Europa, contribuíram com sua cota de sangue para a boa causa".

> **Republicanos e democratas, em combate retórico amargo, percebem o outro lado como menos que humano**

O *Financial Times* apresentou um artigo que indagava o motivo que instigou o atirador Thomas Crooks "a subir no topo de um telhado com um rifle de alta potência e tentar assassinar o ex-presidente Trump". O jornalista sugere que a atmosfera mais ampla na qual Crooks agiu tornou-se terrivelmente familiar. Os partidários republicanos ou democratas travam um combate retórico cada vez mais

Limiar. O grito de guerra triunfante de sua reeleição é Morte à Escravidão, escreveu Marx a Lincoln, pouco antes do assassinato

JOHN JABEZ EDWIN MAYALL/IISHS E NATIONAL PORTRAIT GALLERY/SMITHSONIAN

amargo, percebendo o outro lado como menos que humano.

Frank Luntz, pesquisador republicano, descreveu os EUA como "um país agitado e irritado agora" e alertou sobre o pior que está por vir. Ele foi apoiado por uma pesquisa Marist, publicada em abril, que descobriu que "um em cada cinco americanos acreditava que a violência poderia ser necessária para colocar a nação de volta nos trilhos".

Vou me valer, ainda uma vez, da opinião do filósofo-historiador alemão Norberto Elias. Ele argumenta que as pessoas, frequentemente, fazem a pergunta errada quando se empenham em examinar o problema da violência física na vida social. Em geral, indagam como, vivendo em sociedade, os cidadãos podem agredir fisicamente ou matar os semelhantes.

Os fatos seriam mais bem compreendidos se a pergunta fosse formulada de modo diferente. A forma correta seria mais ou menos assim: como é possível que tantas pessoas consigam viver normalmente juntas em paz, sem medo de ser atacadas ou mortas por outras mais fortes do que elas, como hoje em dia é o caso na maior parte do mundo?

Os que vivem nas sociedades pacificadas se esquecem facilmente que durante muito tempo, ao longo da trajetória em busca da civilização, predominou um nível elevadíssimo de violência física nas sociedades. A dor e a morte espreitavam a todo momento a vida das pessoas mais desprotegidas.

Elias mostra, de forma incontestável, que a criação de espaços sociais duradouramente pacificados está ligada à organização da vida social na forma de Estados.

Estudioso do processo civilizatório, Elias não imagina como a sociedade civilizada possa sobreviver, sem a ação permanente destinada a inibir os impulsos violentos de alguns indivíduos sobre os outros com o propósito do domínio ou do aniquilamento físico.

A sociabilidade moderna move-se entre a inevitável pertinência a uma cultura produzida pela história e a pluralidade dos indivíduos. A identidade é "recebida" sem que o indivíduo seja indagado sobre suas preferências. Mas a história dessas sociedades trouxe o mercado e seus valores como instâncias dominantes da sociabilidade, o que supõe o "indivíduo livre" disposto – para o bem e para o mal – à busca de seu interesse particularista. Essa forma peculiar de sociabilidade não pode reproduzir-se e sobreviver sem a mediação permanente entre os nexos de interdependência que unem os indivíduos (a "sociedade") e o impulso à vantagem privada. Essa relação inçada de contradições só pode ser mediada precariamente pela política e pelo direito, à sombra do Estado. •

INÊS 249

Os avós da revolução

TheObserver A crise econômica em Cuba afeta de forma mais cruel os idosos

POR RUARIDH NICOLL E EILEEN SOSIN, DE HAVANA

No centro de Havana, Martha Ortega está na fila para comprar carne moída. Ela tem artrose e artrite reumatoide, o que a faz arrastar os pés, mas continua estilosa, com uma camisa xadrez e uma bolsa de jeans que lhe dão o ar de uma boiadeira de 80 anos. Até cinco anos atrás, Ortega era recepcionista num escritório local do Partido Comunista de Cuba. Sua aposentadoria é de 1.575 pesos por mês, mas nos últimos três anos a inflação reduziu seu valor para menos de 5 dólares. "Tento distribuí-la entre comida, remédios, o que eu puder", conta.

Ortega é uma dos muitos idosos em Cuba que se veem praticamente destituídos, enquanto o Estado comunista, em luta contra uma profunda crise econômica, se volta para a iniciativa privada. Ortega mora com sua filha surda e muda. Elas estão sozinhas. Não têm parentes para dar suporte.

Não deveria ser assim para a geração revolucionária de Cuba. Em troca de um compromisso altruísta com a sociedade, eles receberam a promessa de comida subsidiada e assistência médica do berço ao túmulo. "O homem começará a libertar sua mente da exigência irritante de satisfazer suas necessidades animais por meio do trabalho", prometeu Che Guevara. À medida que surgem lojas privadas por toda a ilha caribenha e as cantinas que fornecem rações subsidiadas pelo Estado se esvaziam, muitos idosos estão, no entanto, chocados com a rapidez com que foram abandonados pela revolução à qual se dedicaram, justamente no momento em que estão mais vulneráveis. "Nós vivíamos com um sonho, com uma devoção", diz Ortega. "E então tudo desapareceu."

Os idosos são uma parte cada vez maior da sociedade cubana. Um triunfo da revolução de 1959 foi aumentar a expectativa de vida da população para perto de 80 anos, mesmo patamar dos Estados Unidos e do Reino Unido. Agora, os maiores de 60 compõem 22,6% da população, dos quais 221 mil vivem sós, na maioria mulheres. Essas tendências foram intensificadas recentemente pelo êxodo de jovens. Quanto mais a economia se contrai, mais os cubanos se somam às caravanas de latino-americanos em direção à fronteira dos Estados Unidos, ou encontram maneiras de mudar-se para a Europa. As estimativas variam, mas todos concordam que a população cubana caiu bem abaixo dos 11 milhões registrados no censo de 2012. Um relatório de um demógrafo independente situou-a em apenas 8,62 milhões. "Uma das coisas terríveis para meus colegas é que seus filhos deixaram Cuba", diz Carlos Alzugaray, 81 anos, ex-embaixador. "E hoje eles são financeiramente dependentes dos filhos, depois de tanto sacrifício."

> "Vivíamos com um sonho, com uma devoção", lamenta Martha Ortega. "E então tudo desapareceu."

Etapas. Um dos êxitos da revolução foi elevar a expectativa de vida. O desafio é garantir bem-estar aos aposentados

Alzugaray, integrante do Partido Co-

munista, está tão chocado com a situação a ponto de dizer: "Se amanhã alguns aposentados se reunissem e dissessem: 'Vamos fazer uma manifestação em frente ao Ministério do Trabalho e da Previdência Social', eu iria". É uma declaração surpreendente num país onde as manifestações são raras – e quase nunca toleradas. "Eu tive duas profissões na vida", cita Alzugaray. "Ambas a serviço do governo da revolução cubana. Uma delas foi um período de 35 anos no Ministério das Relações Exteriores. A outra foram 15 anos como professor universitário. E recebo 2.330 pesos por mês." O que o surpreende é a falta de reação do governo. "Não temos a sensação de que eles se importam com esse problema", reclama. "Ou que vão fazer algo a respeito. Eles fazem o que fazem com qualquer problema, o ignoram."

O colapso da economia cubana pode ser mapeado desde o embargo dos EUA, há seis décadas, no planejamento central moribundo do Estado comunista e no fracasso da recuperação da pandemia. Durante algum tempo, parecia que o governo não tinha condições de importar alimentos, então, em 2021, foram autorizadas pequenas e médias empresas privadas (Mipymes), lojas incluídas. Essas lojas se mostraram uma bênção para os cubanos que recebem dinheiro de parentes no exterior, mas isso não se encaixa a todos. E quando nem mesmo uma aposentadoria mensal de embaixador cobre uma bandeja de ovos (2,5 mil pesos), tornou-se comum ver idosos a olhar com saudade para itens básicos como óleo de cozinha que não podem pagar. O governo culpou a "especulação" das Mipymes e decidiu limitar os preços de artigos básicos como frango picado e óleo de cozinha. Mas mesmo esses alimentos – se as lojas privadas continuarem a vendê-los – estão fora do alcance dos aposentados (o óleo de cozinha tem um preço limite de 950 pesos).

O doutor Alberto Fernández Seco é chefe do Departamento de Idosos, Assistência Social e Saúde Mental no Ministério da Saúde Pública. Segundo ele, Cuba, com seu "alto nível de educação, dieta balanceada, esportes e acesso à cultura", continua mais bem posicionada que outros países para enfrentar "o problema global" do envelhecimento. Ele descreve os esforços históricos do país para cuidar de seus idosos. Há 304 Casas de Abuelos (Casas de Avós), centros de acolhimento onde eles podem se encontrar, receber refeições e assistência médica. E 158 casas de repouso oferecem leitos para os mais necessitados. Seco descarta os relatos de que menos gente tem procurado as Casas de Abuelos por conta do aumento dos preços e que os leitos em casas de repouso começaram a desaparecer. Na verdade, afirma, ocorre o

Economia de guerra. Os cubanos enfrentam restrições crescentes ao acesso a bens

oposto. “Estamos começando a desenvolver políticas para compartilhar essa responsabilidade com o setor privado.” Tais empresas há poucos anos seriam impensáveis. A TaTamania, por exemplo, oferece “cuidados personalizados” para idosos com “profissionais do setor de saúde”, com seis escritórios em Cuba e taxas a partir de cerca de 150 dólares por mês, mas que aumentam rapidamente a depender das necessidades. O dinheiro vem principalmente de parentes no exterior. O plano do governo é permitir que essas empresas se expandam do atendimento domiciliar para casas de repouso, com um décimo das taxas gastas nas necessidades daqueles sem parentes. “Compartilhar a responsabilidade com o setor privado não contradiz as conquistas da revolução”, garante Seco.

Elaine Acosta, socióloga e fundadora do Cuido 60, grupo da Universidade Internacional da Flórida que estuda as condições dos idosos cubanos, diz que as famílias expatriadas estão cientes de que 10% de suas taxas são redistribuídas, mas o dinheiro gerado é muito pouco para resolver a situação. “Um problema maior é que as organizações da sociedade civil, que poderiam ajudar, não conseguem receber dinheiro de fundações ou outros do exterior.”

Choque. O presidente cubano, Diaz-Canel, comanda uma abertura econômica. Che Guevara estimulava o trabalho voluntário no início da revolução

MAHMOUD KHALED/COP28, ALBERTO KORDA/MUSEU CHE GUEVARA/HAVANA E ISTOCKPHOTO

Sem perspectivas, os jovens têm sido empurrados para a imigração

O governo, rebate Seco, tem expandido os direitos dos idosos, incluindo o de não se aposentar. “Se você tiver a aptidão física e mental adequada”, diz, “pode continuar a trabalhar e a receber a aposentadoria e o salário.”

Talvez não seja o que foi prometido, mas ele acrescenta que os cubanos devem lembrar-se de como têm sorte, em comparação com cidadãos de países com problemas de roubo de órgãos, tráfico humano e drogas. “Às vezes nos falta a capacidade de apreciar o que temos.”

Empurrando uma cadeira de rodas pela Rua San Lázaro, Elvio Agramonte de los Reyes está um pouco encurvado, mas se comporta como o homem de Camagüey que é, criado na mais tradicional das províncias cubanas. A cadeira contém um caixote com mangas e coentro que ele vende aos passantes. “O governo me dá 1.100 pesos”, revela o homem de 85 anos. “Entre isso e o que consigo nas ruas, é com o que estou vivendo. Tenho uma vantagem. Não fumo nem bebo café ou rum. Eu bebia muito rum, mas tive uma dessas isquemias cerebrais, e eles me disseram: ‘Não toque mais nisso’.” Assim como Ortega, Agramonte tem apenas uma filha deficiente como família. “Ela tem uma condição mental de nascença. Não trabalha e eles lhe dão uma pensão de 2 mil pesos.”

Quando jovem, ele ouviu o chamado de Che Guevara. “Trabalho voluntário, Che inventou isso. Eu participava de tudo: plantava, limpava e cortava cana. De certa forma, valeu a pena. Eles construíram muitas escolas, construíram hospitais, com assistência médica gratuita, mas agora estão indo para trás, como o rabo de uma vaca. Para aqueles que estão velhos e não têm família…” Ele faz uma pausa, e uma mulher que parou para comprar coentro preenche a lacuna: “Estão morrendo de fome”. •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

A história rima

TheObserver Os paralelos entre o atual conflito no Oriente Médio e a invasão israelense ao Líbano em 1982

POR JASON BURKE, DE JERUSALÉM

Começou com um ataque terrorista, seguido de uma enorme retaliação militar, o cerco de uma cidade, a morte de milhares de civis, devastação e a indignação global. Se a operação militar foi um sucesso em termos táticos, levou a falhas estratégicas que marcaram a nação e a região nas décadas seguintes.

Parece familiar? Quarenta e dois anos depois, enquanto um novo conflito se aproxima das fronteiras no norte de Israel, historiadores, analistas e veteranos da invasão do Líbano por Israel em 1982 buscam lições e avisos naquela guerra agora distante. Inevitavelmente, muita coisa era diferente no dia de verão em que um atirador enviado a Londres por uma facção separatista palestina a soldo de Saddam Hussein quase conseguiu matar Shlomo Argov, embaixador israelense no Reino Unido, quando ele saía de um jantar no Hotel Dorchester. A Guerra Fria estava no seu ponto mais grave em décadas. A principal ameaça a Israel próxima à fronteira norte era a Organização para a Libertação da Palestina, então liderada por Yasser Arafat. Embora a revolução iraniana de 1979 tivesse deixado claro o novo poder do islamismo político, poucos pensaram que a religião ressurgente pudesse representar um perigo real a Israel.

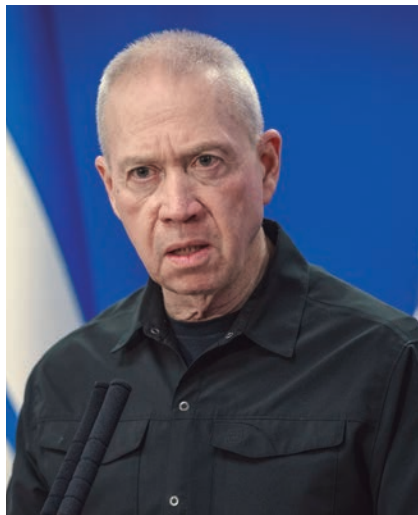
Entretanto, se há muitas diferenças claras, também há alguns paralelos óbvios, talvez a confirmar o ditado de que se a história não se repete, ela pode rimar. Em 1982, Israel era liderado por Menachem Begin, populista linha-dura cuja primeira vitória eleitoral, cinco anos antes, havia encerrado décadas de governo esquerdista e sinalizado a virada do país à direita. O ministro da Defesa de Begin em 1982 era o controverso general que virou político Ariel Sharon, um dos comandantes militares mais bem-sucedidos, alguns dizem talentosos, e implacáveis de Israel. Ele tinha planos ambiciosos.

As várias facções da OLP tinham sido responsáveis por muitos ataques terroristas contra alvos israelenses e outros em todo o mundo na década precedente. Alguns eram bem conhecidos, como o ataque sangrento à equipe israelense nas Olimpíadas de Munique em 1972 ou o que levou à operação de resgate das forças especiais israelenses em Entebe, Uganda, em 1976. Mas, em 1982, tais ataques estavam em declínio, bem abaixo da maré alta de meados da década de 1970. Essa é uma grande diferença da situação atual. Entre 1980 e 1981, o total de baixas das ações de facções armadas palestinas em Israel, Cisjordânia e Gaza foi de apenas 16 mortos e 136 feridos. Isso dificilmente poderia ser considerado um perigo existencial. Em contraste, o ataque do Hamas a Israel em outubro passado, que desencadeou o atual conflito em Gaza, matou 1,2 mil, na maioria civis. Cerca de 250 foram sequestrados.

O tiroteio de Argov em junho de 1982,

Ameaça. Gallant, ministro da Defesa de Israel, se diz pronto para um confronto com o Hezbollah

concordam os historiadores atualmente, forneceu o pretexto esperado por Begin e Sharon. Quando informados por oficiais de inteligência que o quase assassino do embaixador havia sido despachado por um grupo que tinha matado entusiasticamente muitos dos assessores e aliados mais próximos de Arafat, Begin e os principais oficiais militares não ficaram impressionados. "Abu Nidal, Abu Schmidal, são todos da OLP", disse o chefe de gabinete Rafael Eitan.

Em dez dias de invasão do Líbano, o

Àquela altura, Tel-Aviv cantou vitória cedo demais. Do confronto emergiria o Hezbollah

CHAD J. MCNEELEY/MINISTÉRIO DA DEFESA/EUA E ARQUIVO/AFP

Mais do mesmo. Na invasão ao Líbano, Israel ignorou o quanto pôde os apelos por contenção e por respeito aos direitos humanos

exército israelense chegou aos arredores de Beirute e cercou efetivamente Arafat e seus combatentes da OLP. Um bombardeio feroz foi direcionado aos bairros ocidentais da cidade, o reduto da OLP. "Fizemos em Beirute exatamente o que os israelenses estão fazendo em Gaza. Desligamos a água, a eletricidade, tudo. Mas não havia redes sociais, então os habitantes não sabiam muito", descreve Ahron Bregman, especialista do King's College London que serviu como soldado israelense no conflito de 1982.

O cerco de Beirute durou mais de dois meses e custou milhares de vidas civis. O número exato foi contestado, e ainda é. Também a proporção de civis mortos, assim como nesta guerra atual. Mesmo as estimativas mais altas, 20 mil mortos, são, porém, muito menores que as de Gaza agora, onde o número passou de 38 mil, de acordo com autoridades palestinas. A destruição física em Gaza também é de uma escala totalmente diferente. "As unidades têm muito mais poder de fogo hoje. Então tínhamos apenas metralhadoras, armas antitanque leves e lançadores de granadas", compara Ariel O'Sullivan, conhecido jornalista israelense que lutou como soldado de infantaria.

Uma reclamação de Israel sobre aquele conflito anterior é familiar. Arafat havia instalado seus *bunkers* de comando sob prédios de apartamentos, às vezes habitados por deslocados pelos combates. "Os edifícios de Beirute eram nossas barricadas", escreveu um oficial da OLP anos depois. Porta-vozes israelenses acusaram a organização de usar civis como escudos humanos, o que ela negou.

Arafat sabia que Sharon tentaria chegar a Beirute e que suas forças decrépitas seriam varridas pelo rolo compressor do exército israelense, reequipado com vastas quantidades de armas e equipamentos de última geração dos Estados Unidos desde a guerra de 1973 contra o Egito e a Síria. Mas ele achava que a ONU interviria depois de alguns dias, como havia feito em 1967 e 1979. O que se soube foi muito diferente. Sharon tinha voado a Washington em busca de aprovação prévia do governo de Ronald Reagan para uma invasão bem antes da tentativa de assassinato de Argov. Mas ele recebeu apenas uma luz amarela muito desanimada do belicoso secretário de Estado, Alexander Haig, anticomunista convicto que acreditava que muito do terrorismo global era obra da União Soviética.

A guerra uma vez em curso, e isso também é familiar, houve apenas fracos apelos por contenção das autoridades de Reagan, e um fluxo contínuo de munição. Protestos de que armas fornecidas pelos Estados Unidos estavam a ser usadas ilegalmente por Israel foram ignorados, e Washington vetou resoluções da ONU que teriam interrompido o avanço israelense. Por fim, com as redes de tevê a transmitir imagens de carnificina nas salas de estar dos EUA todas as noites, Reagan ligou para Begin e disse: "Isto é um Holocausto". Begin, cuja família

foi morta pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial, hesitou, mas atendeu ao pedido de Reagan. Hoje, os EUA não exercem a mesma influência sobre Benjamin Netanyahu.

Cerca de duas semanas depois, milhares de combatentes da OLP deixaram o Líbano em direção ao Oriente Médio. Arafat seguiu para Túnis, a cerca de 3,2 mil quilômetros de distância. Em um editorial de *The New York Times* publicado antes de o presidente da OLP deixar Beirute, Sharon gabou-se da "derrota esmagadora" infligida à organização. "O reino do terror que a OLP havia estabelecido em solo libanês" tinha sido destruído, "o terrorismo internacional sofreu um golpe mortal" e "toda a infraestrutura de violência e revolução... (foi) quebrada", disse aos leitores. A linguagem foi cuidadosamente escolhida para emoldurar a campanha israelense como uma batalha da Guerra Fria – e rara, por ter sido inequivocamente vencida. Os esforços de Israel foram "uma vitória pela paz e a liberdade em todos os lugares", escreveu Sharon.

Mas as comemorações duraram pouco.

Por fim, Reagan chamou a incursão israelita de Holocausto. E convenceu os aliados a recuar

Uma bomba síria matou Bashir Gemayel, líder guerreiro cristão eleito recentemente presidente do Líbano e que Sharon esperava que governasse como um cliente de Israel. Quarenta e oito horas depois, a milícia de Gemayel massacrou entre 700 e 3,5 mil civis palestinos nos campos de Sabra e Shatila, enquanto tropas israelenses disparavam sinalizadores para iluminar seu trabalho sangrento.

O que aconteceu depois na região é esclarecedor, segundo veteranos, analistas e historiadores. Em um ano, o exército israelense foi atraído para uma nova guerra brutal contra uma força insurgente. As baixas tinham sido relativamente poucas durante a ofensiva inicial no Líbano. Agora aumentaram constantemente, enquanto soldados mal equipados tentavam reprimir uma insurgência crescente. Dois carros-bomba suicidas, entre os primeiros implantados, devastariam bases na cidade de Sidon, no sul. Ataques de atropelamento e fuga por um inimigo impreciso matariam mais soldados. Uma ocupação de 18 anos sangraria Israel de jovens e recursos, até uma retirada ignominiosa em 2000. Muitos civis também morreram. "A lição da época é a mesma de hoje: se você não consegue ver a aparência da vitória, não pode haver vitória", resume Haim Har-Zahav, que serviu no Líbano no fim da década de 1990 e escreveu um livro sobre os anos finais esquecidos do conflito naquele país.

COLEÇÃO PRESIDENTE RONALD REAGAN/ACERVO DA CASA BRANCA/EUA E MINISTÉRIO DA DEFESA DE ISRAEL

Pito. Pressionado, Reagan mandou Begin interromper o "holocausto"

O inimigo contra o qual Israel lutou por tanto tempo foi o Hezbollah, movimento militante islâmico apoiado pelo Irã, fundado após a invasão de 1982. Em 2006, o Hezbollah lutou contra o exército israelense até chegarem a um impasse. Agora, depois de abrir fogo contra Israel na manhã seguinte aos ataques de surpresa do Hamas em outubro, está envolvido numa guerra de atrito crescente com Israel, e pode muito bem ser alvo de uma nova ofensiva israelense dentro de algumas semanas.

Cerca de 30 israelenses foram mortos, cerca de metade deles civis, nos ataques no norte. Israel evacuou 60 mil moradores da zona de fronteira e retaliou com artilharia e ataques aéreos que mataram cerca de 450 do outro lado, quase cem civis. A maioria dos analistas concorda que nenhum dos lados quer uma guerra, mas que evitar um confronto devastador pode ser impossível. A primeira guerra do Líbano mudou Israel e a região. Agora, um Israel drasticamente modificado pelo ataque de outubro enfrenta um novo conflito num antigo campo de batalha. •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

Soy loco pela palavra

PROTAGONISTA Aos 83 anos, Capinan, compositor tropicalista e poeta, tem suas letras e versos reunidos em um livro

POR AUGUSTO DINIZ

O dia em que a canção *Ponteio*, de José Carlos Capinan e Edu Lobo, ganhou o Festival da Record de 1967, foi o mesmo em que uma das músicas mais emblemáticas do século passado, *Soy Loco por Ti, América,* chegou às mãos de Gilberto Gil.

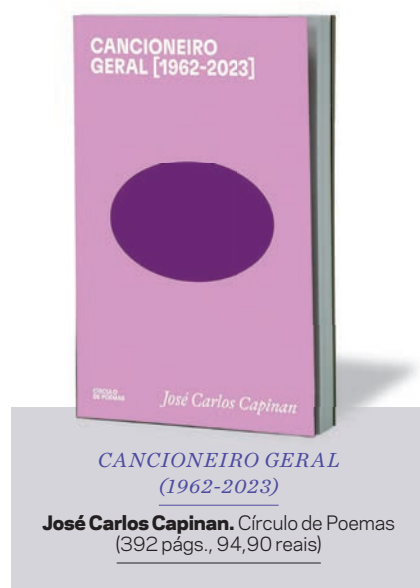
Gil, que apresentou nessa edição *Domingo no Parque,* estava no camarim do Teatro Record, na região central de São Paulo, quando leu os versos nos quais Capinan exultava o amor e a liberdade para a América Latina. A letra havia sido escrita logo após o anúncio, pelo rádio, da morte de Che Guevara.

Soy Loco por Ti, América foi imediatamente gravada por Caetano Veloso no seu primeiro álbum-solo, lançado no começo de 1968, período acossado pela perseguição política.

"Considero essa canção como um antecedente do movimento tropicalista", afirma Capinan, em entrevista por telefone a *CartaCapital*. Para o letrista baiano, a canção dá ênfase a uma linguagem musical em ascensão na época, "mais liberta e urbana", adotada pelo movimento ao qual se integraria logo depois, a Tropicália, a convite de Gil.

Soy Loco por Ti, América é uma das muitas canções presentes no recém-lançado volume *Cancioneiro Geral (1962-2023),* organizado por Claudio Leal e Leonardo Gandolfi, e publicado pelo Círculo de Poemas, a coleção de poesia da Editora Fósforo. O livro, além das canções, traz seus livros de poesia e poemas avulsos. Trata-se de um conjunto importante, que dá a dimensão da obra do compositor e escritor de 83 anos.

CANCIONEIRO GERAL (1962-2023)

José Carlos Capinan. Círculo de Poemas (392 págs., 94,90 reais)

O projeto inclui textos críticos sobre sua obra resgatados do passado, de autoria de José Guilherme Merquior, Ênio Silveira, Gilberto Gil e Luiz Carlos Maciel.

Com Gil, Capinan compôs, entre outras músicas, a faixa de abertura do álbum-manifesto *Tropicália ou Panis et Circencis* (1968), a *Miserere Nobis*. Na canção, as palavras de Capinan captam o espírito do movimento e expõem, de forma alegórica, o País: *Já não somos como na chegada/Calados e magros, esperando o jantar/Na borda do prato se limita a janta/As espinhas do peixe de volta pro mar.*

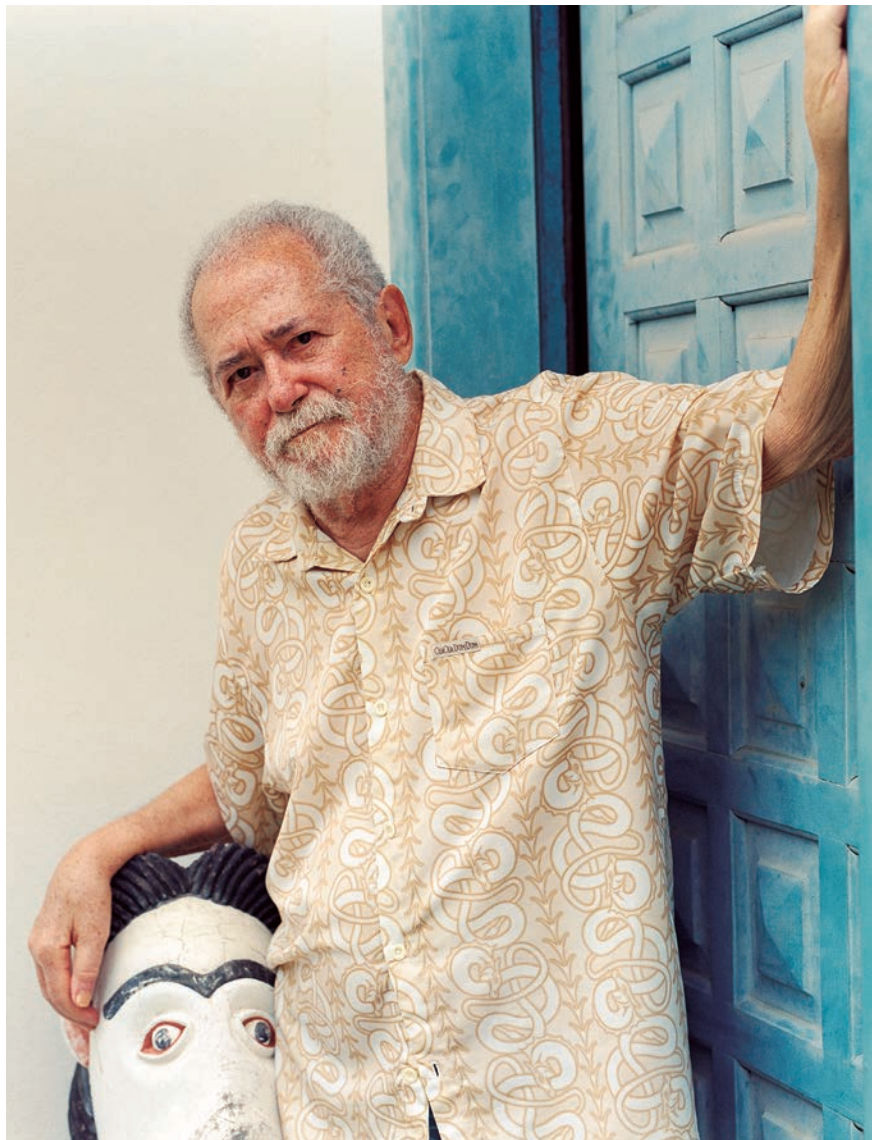
Na antológica capa do disco, onde estão os tropicalistas, o letrista aparece em um porta-retratos segurado por Gil. Foi a solução encontrada pela sua ausência na sessão de fotos, assim como ocorreu com Nara Leão, cuja imagem, emoldurada, é segurada por Caetano.

Embora o Modernismo tenha sido uma influência marcante na poesia de Capinan, suas inspirações artísticas são muito devedoras também da cultura popular. Um exemplo disso é a sua primeira obra musicada, a peça *Bumba Meu Boi* (1963), realizada com Tom Zé, no Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes, na Bahia – onde ele teria os primeiros contatos com os tropicalistas. "*Bumba Meu Boi* são versos heptassílabos, que são muito comuns no cordel", diz.

O artista nasceu no município de Entre Rios e foi ainda criança para Taperoá, ambas no interior da Bahia. Nesses lugares, o letrista teve contato com elementos da cultura popular. "Isso é a base da minha relação com a palavra", diz. "Essas manifestações são normalmente chamadas de folclóricas, esvaziando o conteúdo que elas têm de refletir o mundo rural na forma como ele é vivido, com queixas e demandas de um povo que vive um trabalho difícil."

No seu livro de estreia, o *Inquisitorial*,

RODRIGO SOMBRA

Seis décadas de carreira. Nascido no interior da Bahia, Capinan misturou as influências do Modernismo à presença das raízes afro-brasileiras em sua vida

lançado em 1966, quando já estava estabelecido no Rio de Janeiro, Capinan explica que sua poesia passou a espelhar outro tipo de linguagem, sem perder a crítica social: "Vou pegar uma relação mais dialética com a palavra".

Naquele período, o letrista fazia parte de um grupo ligado à cultura que se reunia periodicamente. Capinan intensificou ali o uso de sua poesia na música, firmando parcerias com nomes então emergentes, como Paulinho da Viola. *Canção para Maria,* lançada em 1966 pelo sambista, é a primeira de uma leva de canções da profícua dupla, que inclui *Coração Imprudente* (1972) e *Prisma Luminoso* (1983).

Na onda de participação em festivais de música na época, Capinan e Jards Macalé concorreram, em 1969, com *Gotham City,* muito mal recebida pelo público do Maracanãzinho. "Foi uma vaia consagradora", brinca. "*Gotham City* é uma metáfora do que seria uma sociedade perigosa, de censura política, ideias que eram perseguidas, pensamentos que não se podiam ter", explica Capinan.

Mas a parceria e a amizade prosseguiram. No último álbum de Macalé, *Coração Bifurcado* (2023), duas canções da dupla foram registradas: *Amor in Natura* e *A Arte de Não Morrer*. "Foram feitas após o 'apocalipse', que é a arte de não morrer na pandemia e outras pandemias políticas que a gente enfrentou", conta.

Capinan construiu parceria sólida também com Geraldo Azevedo e Roberto Mendes, além de compor com sambistas históricos da Bahia, já falecidos, como Ederaldo Gentil e Batatinha.

Com João Bosco, é autor da letra enigmática *Papel Machê,* lançada em 1984 e já no inconsciente do cancioneiro nacional. Capinan, habitualmente, oferecia a letra para ser musicada, mas, nesse caso, João tinha a melodia pronta. "Não sabia como entrar numa parceria de uma forma autêntica. Visitei o João para ver o ambiente em que ele vivia", lembra. Chegando lá, o letrista viu a companheira do cantor, Angela, com trabalhos de papel machê. "Foi aí que me veio a ideia dessa composição de que gosto muito", diz.

Foi, sobretudo, pelas canções que Capinan entrou no imaginário brasileiro. Mas suas palavras, ao longo de mais de 60 anos de carreira, foram criadas e publicadas em muitos outros formatos. Entre outros livros que publicou estão *Ciclo de Navegação, Bahia e Gente* (1975); *Confissões de Narciso* (1995) e *Balança Mas Hai-Kai* (1996).

"O que acontece, quando escrevo, é semelhante àquilo que acontece nos transes das cerimônias afro-brasileiras. Meu orixá é a palavra", compara, para dizer em seguida que continua a compor e a escrever poemas como um ato religioso, em Salvador, onde vive. •

Como uma ópera

CINEMA Em *O Sequestro do Papa*, Marco Bellocchio recorre ao melodrama para induzir a plateia à reflexão

POR CÁSSIO STARLING CARLOS

Marco Bellocchio é o último remanescente das gerações que, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, tornaram a expressão "cinema italiano" prova da possibilidade de uma arte ser popular e complexa. A combinação de histórias coladas na vida com reflexões sobre a sociedade e sua humanidade desorientada consolidou um lugar altíssimo para a Itália na história do cinema. *O Sequestro do Papa*, "tradução" infeliz do título original, *Rapito*, confirma Bellocchio, hoje com 85 anos, como derradeiro representante de uma família de deuses mortos.

O filme, em cartaz, reconstitui um fato que abalou a Itália em meados do século XIX e, na época, escandalizou as capitais do mundo. O rapto ao qual o título original se refere foi obra da Igreja Católica, a mando do Santo Ofício, durante o papado de Pio IX, cujo pontificado durou de 1846 a 1878. O "caso Edgardo Mortara", como se tornou conhecido, foi o sequestro de um menino judeu, em Bolonha, no ano de 1858. O garoto foi arrancado da família, após ter sido batizado por uma criada bronca que pretendia, assim, salvá-lo do inferno.

Em 1996, o jornalista e escritor italiano Daniele Scalise ressuscitou o episódio no bem-sucedido livro-reportagem *Il Caso Mortara. La Vera Storia del Bambino Ebreo Rapito dal Papa*. Bellocchio e a roteirista e cineasta Susana Nicchiarelli se inspiraram livremente na pesquisa de Scalise para criar o roteiro.

A trama parece extraída de um folhetim oitocentista cheio de reviravoltas. Bellocchio, ciente da sedução que as histórias rocambolescas exercem sobre o público contemporâneo, aprofunda os conflitos entre os indivíduos e o poder. Para não repetir o óbvio, aqui Darth Vader aparece vestido de branco. De um lado, Salomone e Marianna, pai e mãe de Edgardo, tentam anular as decisões do obstinado padre Feletti, carrasco da Inquisição. Apesar de contarem com o apoio da comunidade judaica e, mais tarde, conseguirem avanços nos tribunais, os pais do menino roubado são condenados por um "pecado original", serem judeus num mundo em que os cristãos os elegeram como culpados pela morte de Cristo.

Outra relação de poder, mais insidiosa, se estabelece entre Edgardo e Pio IX. A atuação de Paolo Pierobon, carregada de ambiguidades, revela e esconde o teor libidinoso, o gozo da posse que o papa detém do corpo infantil. Mais tarde, quando Edgardo, já adulto, comete uma falha, o papa o submete a uma cena que parece saída de um jogo BDSM. Num pequeno artigo para a revista *Positif*, Bellocchio afirma que "a história do rapto do meni-

ANNA CARMELINGO/PANDORA FILMES E REDES SOCIAIS

Desejo divino. O cineasta não deixa escapar o teor libidinoso do empenho do papa Pio IX na conversão do pequeno Mortara

Há muito excesso, mas tudo está absolutamente sob controle

no Mortara me interessa profundamente porque, acima de tudo, me permite representar um crime cometido em nome de um princípio absoluto".

O cineasta prossegue: "Eu o rapto porque Deus quer. E não posso devolvê-lo à sua família. Você foi batizado, portanto é católico para sempre, o *Non possumus* (Não podemos) de Pio IX. É certo aniquilar a vida de um indivíduo, em nome da salvação numa outra vida? Mais grave, o de uma criança que, por natureza, não tem como resistir, se rebelar? O ato comprometeu uma vida inteira, mesmo que o jovem Mortara, reeducado pelos padres, tenha permanecido fiel à Igreja Católica e se tornado sacerdote: é um mistério fascinante que não podemos explicar apenas pelo princípio da sobrevivência, pois, após a liberação de Roma, quando Edgardo poderia finalmente 'se libertar', ele permaneceu fiel ao papa. Mais que isso: ele tentou, até a morte, converter sua família que, ao contrário, permaneceu fiel ao judaísmo".

A história, um exemplo clássico do antissemitismo praticado por cristãos há séculos, contém todos os ingredientes dos melodramas que arrebatam. Uma criança indefesa, um poder soberbo e injusto, uma verdade que se desvela tarde demais e um final trágico. Não por acaso, a história havia seduzido Steven Spielberg, que trabalhou em torno de dez anos num projeto que visava recontar o destino funesto de Edgardo Mortara. O tratamento spielberguiano, provavelmente, transbordaria de lágrimas.

A abordagem de Bellocchio não deixa de ser de emoções transbordantes, como convém aos melodramas assumidos. Só que o tom, em vez de hollywoodiano, ou seja, meloso, é operístico. Quer dizer, há muito excesso e, no entanto, tudo está rigidamente sob controle.

Além disso, a emoção aqui não visa apenas a catarse das lágrimas. Ela alimenta a revolta, convida o público a tomar posição antagônica.

A revolta era o combustível do trágico em *De Punhos Cerrados*, filme de estreia de Bellocchio em 1965. Ao longo de 60 anos, o cineasta italiano confrontou a família, o patriarcado, a imprensa, o sexo, a fé, o fascismo e o terrorismo, expôs o irracionalismo dessas instituições e a destruição que elas promovem em parceria com a razão. Nas duas últimas décadas, na fase que se iniciou com *Bom Dia, Noite* (2003) e que inclui as obras-primas *Vincere* (2009) e *Esterno Notte* (2022), Bellocchio recuperou o legado de Luchino Visconti, antepassado que ele combateu com ferocidade na juventude.

Como em Visconti, a história em suas mãos ganha o sentido de espetáculo em que protagonistas e coadjuvantes terminam como vencidos e perdedores. •

O ABC da liberdade

MEMÓRIA *O Inquérito Paulo Freire* analisa a perseguição da ditadura ao educador

POR PAULO CEZAR SOARES

Dois meses após o golpe de 1964, os militares prenderam Paulo Freire, coordenador, em Angicos, Rio Grande do Norte, de um programa de alfabetização que entrou para a história. Em apenas 45 dias alfabetizou 300 estudantes. Seu método, além de alfabetizar, tinha o objetivo de conscientizar os alunos a respeito dos problemas sociais e as agruras do povo trabalhador. A rigor, era também uma aula de cidadania. No ano seguinte, ao coordenar o Plano Nacional de Alfabetização do presidente João Goulart, foi preso e passou mais de 70 dias na cadeia. Para escapar da repressão, exilou-se no Chile. Só retornaria ao país 16 anos depois, após a aprovação da Lei da Anistia.

O livro *Inquérito Paulo Freire – A Ditadura Interroga o Educador*, organizado por Joana Salém Vasconcelos, recupera dois interrogatórios que constam do Inquérito Policial Militar ao qual o educador foi submetido no período de prisão no Recife, acusado pela ditadura de criar um "método de politização disfarçado de alfabetização, subversivo, que, segundo os militares, ampliava a adesão dos brasileiros ao marxismo".

O fato deixa à mostra, mais uma vez, que um governo ditatorial tem entre suas premissas destruir a cultura e perseguir professores, escritores, intelectuais e jornalistas que não pactuam com o sistema. "Em 1961, quando Paulo Freire iniciou seu projeto em Angicos, alfabetizar o povo trabalhador era uma heresia para as elites brasileiras. O sistema de Paulo Freire colocava a construção do pensamento crítico como centro do processo de alfabetização e por isso incomodava tanto. Era violação de um princípio fundamental de sua dominação de classe", afirma Vasconcelos, historiadora graduada pela Universidade de São Paulo, mestra em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Estadual de Campinas e doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Ela também é autora da tese *O Lápis É Mais Pesado Que a Enxada: Reforma Agrária no Chile e Pedagogias Camponesas para a Transformação Econômica* (1955-1973), que aborda o papel de Paulo Freire na reforma agrária chilena durante o seu exílio, e do livro *História Agrária da Revolução Cubana: Dilemas do Socialismo na Periferia* (Alameda, 2016), e coorganizadora de *Cuba no Século XXI: Dilemas da Revolução* (Elefante, 2017) e de *Paulo Freire e a Educação Popular: Esperançar em Tempos de Barbárie*.

INQUÉRITO PAULO FREIRE – A DITADURA INTERROGA O EDUCADOR

Joana Salém Vasconcelos (*org.*)
Editora Elefante (128 págs. R$ 45)

Natural do Recife, Freire dá nome a dezenas de escolas públicas País afora. Em 2012, foi agraciado com o título de Patrono da Educação Brasileira, por solicitação da deputada federal Luiza Erundina, que, quando assumiu a prefeitura de São Paulo, o nomeou Secretário de Educação. Suas obras foram traduzidas em mais de 20 países. A mais conhecida, *Pedagogia do Oprimido*, destaca a educação como um ato libertador, por meio da consciência crítica.

Seu legado como educador continua a inspirar diversas pesquisas acadêmicas e práticas pedagógicas. Infelizmente, Freire ainda é vítima de preconceitos da elite brasileira. Fato que ficou explícito por ocasião do seu centenário, em setembro de 2021, quando diversos bolsonaristas usaram as redes digitais para exteriorizar seu ódio.

Segundo Vasconcelos, a proposta de Paulo Freire ainda está muito viva nos movimentos sociais brasileiros e em parte da comunidade de educadores espalhadas pelo País. "Essa proposta está

Freire, temido pelos reacionários, ontem e hoje

ACERVO PESSOAL/NITA FREIRE

baseada no questionamento às hierarquias sociais, no empoderamento popular, no incentivo à luta coletiva, na valorização do trabalhador, na sua autoestima transformada em potência de ação social e cultural. O pensamento freiriano pulsa nas lutas sociais, nos métodos do trabalho popular. Consequentemente, podemos dizer que a direita está 'certa', na sua perspectiva reacionária, em identificar em Freire um inimigo ainda vivo. Seu pensamento é inspirador da luta social brasileira, por isso incomoda aqueles que querem preservar a dominação de classe e a hierarquia social no seu mais alto grau de violência." •

Consagrado no mundo, odiado pela elite brasileira

AFONSINHO

Primeiro jogador de futebol a conquistar o passe livre, foi ídolo do Botafogo nos anos 1960. Médico, usou o esporte para auxiliar no tratamento de pacientes psiquiátricos

Os grandes eventos

▶ A uma semana do início dos Jogos Olímpicos, as finais da Copa América e da Eurocopa nos mostraram o que o futebol tem de melhor

Próximos do início dos Jogos Olímpicos de Paris, cuja abertura acontecerá na sexta-feira 26, acompanhamos as delegações se instalando na França e vamos tendo acesso à magnitude do evento que tomará a capital francesa.

Das arquibancadas instaladas às margens do Sena aos edifícios históricos a serem transformados em ginásios, tudo ali é de encher os olhos.

Por falar em Sena, na quarta-feira 17, a prefeita de Paris, Anne Hidalgo, mergulhou no famoso rio para mostrar que as águas não estão mais poluídas e têm condições de receber as provas de águas abertas.

A despeito da proximidade da Olimpíada, é impossível, para um colunista esportivo, não se debruçar também sobre o encerramento da Copa América e da Eurocopa.

Às decisões finais de ambos os torneios chegaram os que melhor se apresentaram durante os jogos. No fim, venceram as seleções mais bem preparadas.

Na Euro, a Espanha mostrou maior estabilidade para vencer a Inglaterra que, pela segunda vez consecutiva, perdeu a disputa final, terminando como vice.

Gareth Southgate, o técnico da equipe britânica, pediu demissão do cargo na terça-feira 16. Ou seja, a seleção terá de recomeçar o seu caminho.

Os espanhóis, por sua vez, além de terem erguido a taça, confirmaram o valor da revelação do Barcelona: o jovem Lamine Yamal, desinibido em campo, em plena explosão de energia de seus 17 anos.

Do lado de cá do Atlântico, não são sequer dignas de comentário as confusões que atrasaram em mais de uma hora o início da partida entre Argentina e Colômbia, no Hard Rock Stadium, em Miami.

Houve, ainda, o aumento do tempo de intervalo, para que se pudesse manter o estilo norte-americano dos espetáculos, com um majestoso show da cantora colombiana Shakira.

O jogo decisivo pela conquista do título foi cumprido com todos os detalhes de uma final, até se chegar à vencedora Argentina.

A equipe precisou recorrer a todos os recursos da sua posição de campeã do mundo para alcançar o bi desta Copa América. E o fez com todo o merecimento.

O fecho da partida exigiu a mesma manobra dos dois treinadores: lançar um centroavante autêntico, buscando definir um jogo disputado palmo a palmo até os últimos minutos da prorrogação.

Ao técnico também argentino da seleção colombiana, Nestor Lorenzo, coube colocar em campo um jogador fora de suas melhores condições que perdeu a chance de ouro para definir a Copa.

O técnico da seleção argentina, Lionel Scalone, pôde, por outro lado, contar com o consagrado artilheiro Lautaro Martínez para vencer.

Lorenzo conta com a minha maior admiração pela excelente equipe colombiana.

Trata-se de um time excepcionalmente bem treinado, que entra em campo fazendo a difícil opção de jogar a maioria das vezes de primeira, sem a necessidade de dominar sempre a bola. Isso exige muito treinamento e um excelente preparo físico dos atletas. Enfim, o duelo entre os dois treinadores conterrâneos foi o ponto alto desta final.

A Colômbia, com as características já citadas, foi para cima dos argentinos que, falsamente, pareciam inicialmente estar sendo dominados, mas exibiam a maturidade da condição de maiores vencedores do continente americano destes tempos.

Foi uma finalíssima que nos ofereceu um grande espetáculo de futebol.

Além de o resultado ter sido justo, não nego que, a meu ver, seria uma tristeza muito grande Lionel Messi deixar sua derradeira Copa América derrotado, e aos prantos, exibindo o tornozelo bastante inflamado.

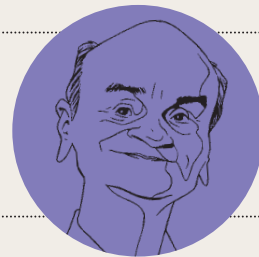
Valeu também ver a alegria no rosto do Ángel Di María, um jogador de carreira brilhante que, com esta final realizada nos Estados Unidos, se despediu da seleção argentina. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO E JULIEN DE ROSA/AFP

Paris 2024. A prefeita Anne Hidalgo mergulhou no Sena

DRAUZIO VARELLA

Médico cancerologista, foi um dos pioneiros no tratamento da Aids no Brasil. É autor, entre outras obras, de *Estação Carandiru*, vencedor do Prêmio Jabuti de não ficção em 2000

Centenários

▶ É desafiador saber que podemos ter mais tempo de vida se soubermos conduzi-la com sabedoria

"Ônibus atropela sexagenário na Avenida São João."

Li esta manchete no jornal quando estava no último ano da faculdade. Até a década de 1970, as pessoas de 60 anos eram consideradas muito velhas. Chegar aos 70 anos, raridade. Aos 80 nem se fala.

Hoje, a expectativa de vida na maioria dos países está na faixa dos 70 anos. No Japão, França, Itália e outras nações desenvolvidas, já passou dos 80. O número de centenários espalhados pelo mundo cresce a cada novo censo demográfico.

Em maio, a revista *The Lancet* publicou um estudo que espelha essa realidade. Com base no Chinese Longitudinal Healthy Longetivity Survey, pesquisadores chineses acompanharam uma coorte de mulheres e homens com 80 anos ou mais. Entre eles 1.454 centenários e 3.768 que faleceram depois dos 80, mas antes de completar 100 anos (grupo controle). Eles foram seguidos de 1998 a 2008, com o objetivo de estimar o impacto do estilo de vida na probabilidade de viver mais de 100 anos. A média de idade dos participantes foi de 94,3 anos. Desses, 62% eram mulheres.

Os autores criaram um escore para avaliar os hábitos possivelmente ligados à longevidade. Deram notas de zero a 2 para cada um de cinco fatores ligados à qualidade de vida: fumo, atividade física, diversidade da dieta, consumo de álcool e Índice de Massa Corpórea (IMC).

Nota zero, quando o item era mal avaliado, nota 2 no caso oposto. Por exemplo, sedentarismo recebia zero, atividade física leve nota 1, moderada ou intensa, 2.

Como foram cinco os itens avaliados com notas de zero a 2, o somatório possível de escores variou de zero a 10.

Os resultados revelaram que o grupo com escores entre 8 e 10, comparado com o de zero a 5, tiveram 33% de chance a mais de chegar aos 100 anos.

Dos itens examinados, apenas três tiveram impacto significativo na longevidade: nunca ter fumado, praticar atividade física e diversidade dietética, com consumo de vegetais variados e frutas.

Não guardaram relação com a chance de atingir 100 anos: sexo feminino ou masculino, consumo de álcool, IMC, anos de escolaridade, local de residência, estado civil ou apresentar condições crônicas.

Considerados apenas os três fatores com impacto na longevidade (fumo, atividade física e dieta), o grupo com escore de 5 ou 6, comparado ao de escores entre zero e 2, teve probabilidade de chegar aos 100 anos 61% mais alta.

A relação entre o que chamamos de estilo de vida saudável e mortalidade é conhecida há muitos anos, a literatura científica está repleta de estudos que a comprovam. A importância desse trabalho realizado em 22 cidades da China é a de ter estudado milhares de pessoas com 80 anos ou mais.

A demonstração de que a adoção de estilo de vida saudável, mesmo em idades mais avançadas, aumenta a probabilidade de viver mais de 100 anos é nova na literatura médica.

O achado de que os valores do IMC não tenham influenciado a probabilidade de viver mais, nessa população, quando sabemos que a obesidade na vida adulta é fator de risco para a mortalidade, tem explicação: depois dos 80 anos, a perda de massa muscular, o emagrecimento e a possibilidade de condições crônicas podem estar relacionados com a subnutrição e restrições alimentares. Estudos anteriores já haviam demonstrado que o excesso de peso pode ter efeito protetor na idade avançada.

O consumo de álcool, cada vez mais considerado nocivo na medicina moderna, não reduziu a expectativa de vida nessa população com mais idade. Será interessante verificar se essa conclusão ficará comprovada em outras pesquisas. Uma das fragilidades da publicação chinesa foi a de ter avaliado o uso ou não de álcool sem examinar a quantidade e a frequência do consumo atual ou anterior.

Esses dados falam a favor da necessidade de estabelecermos critérios para definir novos parâmetros de avaliação do que chamamos estilo de vida saudável, para a faixa etária acima dos 80 anos. Qual o IMC ideal, quantas porções de vegetais nas refeições, quanto de álcool pode ser consumido sem prejuízo, quais os exercícios mais adequados?

A longevidade depende principalmente de fatores genéticos e sociodemográficos, mas é desafiador saber que podemos ter mais tempo de vida se soubermos conduzi-la com sabedoria até as idades mais avançadas. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

ATENTADO